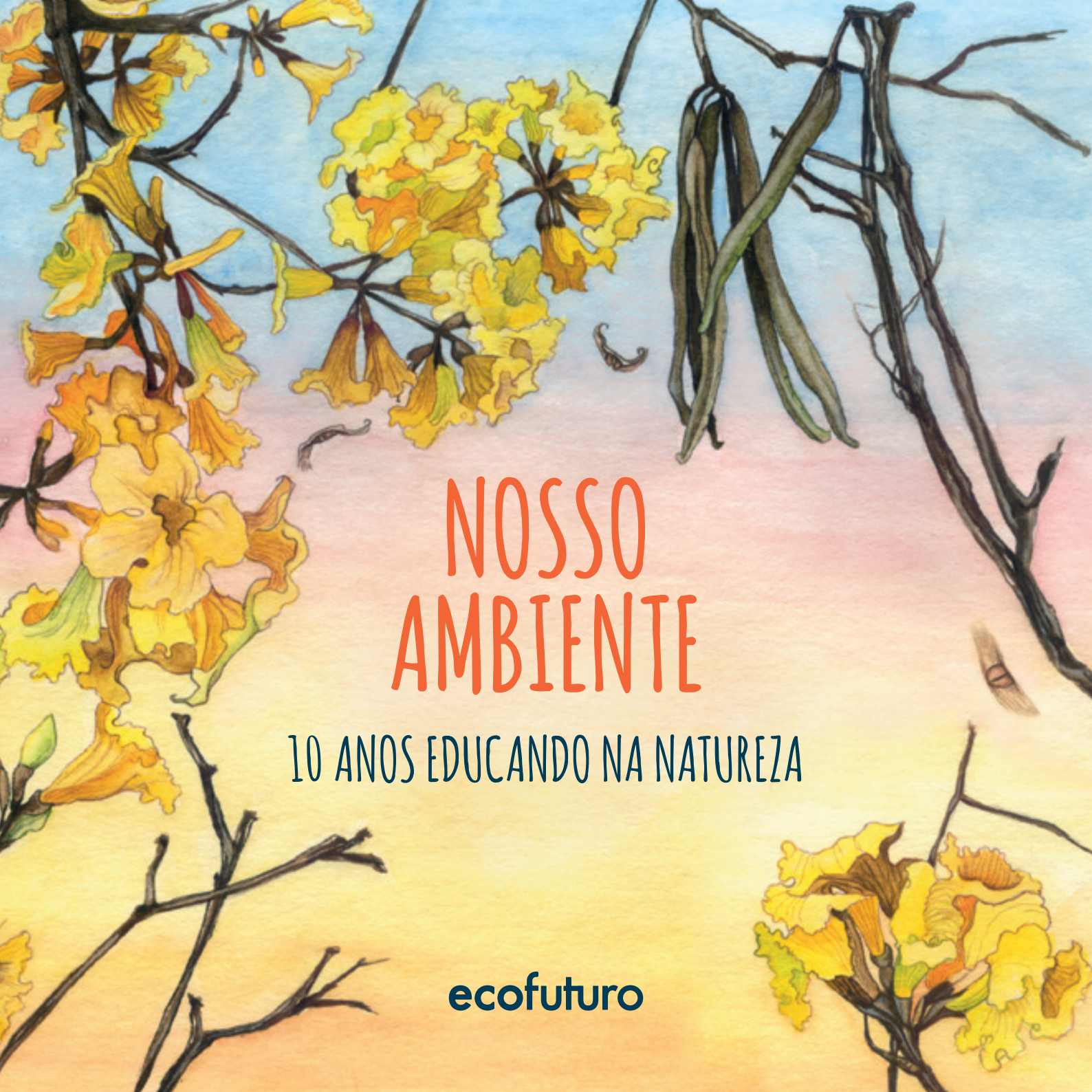




NOSSO AMBIENTE

10 ANOS EDUCANDO NA NATUREZA

ecofuturo



ecofuturo

ecofuturo.org.br

Organização: Instituto Ecofuturo

Diretor Superintendente: Paulo Groke

Coordenação: Michele Martins

Mediação e apoio conceitual: Juliana Coutinho

Coordenação de conteúdo: Juliana Coutinho

Apoio: Paula Dourado, Larissa Cabelo e Cleia Araújo

Texto: Sibélia Zanon

Revisão de texto: Iraci Martinez Pereira

Ilustração da capa: Paloma de Farias Portela

Fotos: Lethicia Galo, Eliza Carneiro, Ronaldo Cardoso, Sergio Zacchi, Seleção Natural - Inovação em Projetos Ambientais, acervo Ecofuturo, acervo dos educadores e das escolas que participaram do Programa Meu Ambiente

Projeto Gráfico: Soma palavra e forma

São Paulo • 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zanon, Sibélia

Nosso ambiente [livro eletrônico]: 10 anos educando na natureza / Sibélia Zanon; [organização Instituto Ecofuturo]. – São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2020. PDF

ISBN 978-65-88172-02-5

1. Aprendizagem 2. Atividades 3. Educação ambiental 4. Meio ambiente 5. Programa Meu Ambiente 6. Recreação ao ar livre I. Instituto Ecofuturo.

20-51442

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação ambiental 304.2

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Presidente

Daniel Feffer

Diretor Superintendente

Paulo Groke

Meio Ambiente

Adriano Ferreira de Souza
Alexandre Oliveira da Silva
Ana Maria de Matos Guidi
Cleia Marcia Ribeiro de Araújo Sousa
David de Almeida Santos
Elon Alves Machado
Juvenil Vitoriano de Jesus
Marcelo Lemes de Siqueira
Marcelo Rogério Sant'Ana
Marcos José Rodrigues Prado
Maurício Rodrigues Prado
Michele Cristina Martins
Raquel Coutinho
Ricardo Silva de Souza

Comunicação

Paula Dourado
Larissa Cabelo

Educação e Cultura

Vanessa Espíndola

Administrativo e Financeiro

Bianca Corrêa
Mateus Cardoso Scriboni

Mantenedora

 **suzano**

NOSSO AMBIENTE

10 ANOS EDUCANDO NA NATUREZA





DEDICAMOS ESTA PUBLICAÇÃO A TODAS AS PESSOAS E,
EM ESPECIAL, AOS EDUCADORES QUE PARTICIPARAM
DA TRAJETÓRIA DO PROGRAMA MEU AMBIENTE.



PREFÁCIO

O QUE É ESCOLA PARA VOCÊ?

Para muitas pessoas, a escola é o lugar onde aprendemos a ler e escrever, e os conteúdos sistematizados pela humanidade ao longo do tempo.

Você já parou para refletir que o ato de aprender a ler está relacionado ao exercício de ler o mundo? Para atentar-se às relações, reverberam na percepção com atenção os espaços da escola. Todos os dias inúmeras possibilidades estão acontecendo nos espaços externos e que não são percebidas quando se está entre quatro paredes. Há vida, há tempo, há encontros, há transformações.

Eu acredito que a escola é o lugar onde aprendemos sobre a vida. E o que é vida? Tim Ingold, antropólogo, nos diz que vida é tudo que se move. Estamos num planeta em movimento, num universo em movimento.

E vida também é o que chamamos de natureza. No entanto no nosso

vocabulário, a construção que criamos da palavra natureza acaba se remetendo a áreas naturais, praças, parques, árvores, animais. E existe natureza em todos os lugares! Nós somos natureza!

Aprender sobre vida é aprender sobre a nossa vida, a vida de todos os seres, a vida do planeta, a vida do universo. A vida que existe em todas as relações, interações, criações, imaginações.

Eu, que sou professora em escola pública e também atuo em formação de educadores em vários lugares do Brasil, deparo-me com as mais diferentes realidades e percebo que é impossível aprender sobre a vida estando distante dela, em

“VOCÊ JÁ PAROU PARA REFLETIR QUE O ATO DE APRENDER A LER ESTÁ RELACIONADO AO EXERCÍCIO DE LER O MUNDO?”

"É preciso que nós, educadoras e educadores, exercitemos um olhar mais sensível para todo o território da escola e seu entorno. Existe vida?"

lugares cada vez mais artificiais e que cada vez nos afastam mais da natureza. A escola precisa ser um lugar cheio de vida. Quanto mais vida presente, mais relações vivas!

Independente do contexto, do espaço, do lugar, existe natureza na escola. E sempre é possível trazer essas relações mais para perto e frequentes. É possível e preciso torná-las visíveis e presentes.

E para isso, faz-se necessário rever a concepção que temos de natureza. Você deve ter percebido que quando está em áreas naturais abundantes o sentimento de conexão é maior e mais profundo. No entanto, perceber a natureza que existe na nossa rotina, encontrar possibilidades, permite efetivamente realizar pequenas ações no cotidiano que nos conectam e nos aproximam dos pulsos de vida.

Um exemplo? Respirar. O começo desta conexão começa com o ar que respiramos, a mesma atmosfera e que conecta todos os seres do planeta. Respirar é uma ação que nos conecta com a natureza do mundo e nos permite conectar com a

nossa natureza. E a partir daí, que ação simples posso ter? Abrir as janelas. Deixar que o ar fresco circule, sentir a temperatura oscilando ao longo do dia, nos colocando em contato com a umidade do ar, com o vento. Essa ação, além da promoção do bem-estar e da saúde, nos ensina sobre o lugar no qual vivemos e constrói um sentimento de pertencimento.

Que outras possibilidades conseguimos encontrar na nossa rotina, nos espaços de educação? Que boas escolhas fazemos diariamente e nos colocam em relação com a vida? Trazer mais plantas em diferentes ambientes da escola, mais elementos naturais presentes em diferentes contextos, contar histórias no jardim, optar por realizar ações nos espaços externos da escola, dentre tantas outras possibilidades.

É preciso que nós, educadoras e educadores, exercitemos um olhar mais sensível para todo o território da escola e seu entorno. Existe vida? Como pode haver mais vida? Precisamos nos atentar para reconhecer estes espaços a partir da percepção das crianças, com a curiosidade de quem visita um lugar pela primeira vez, com o resgate das primeiras sensações ao observar uma folha caindo, encontrar uma semente no chão. Repare na sua rotina, nos seus tempos e nos seus espaços.

"QUE POSSIBILIDADES CONSEGUIMOS ENCONTRAR NA NOSSA ROTINA, NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO?"

Para além de ter a natureza presente fisicamente, também é importante conectar-se com seus valores. A natureza pode atravessar o currículo, as propostas, o projeto político pedagógico. Nessa perspectiva estamos considerando a escola e a vida que ali se manifesta. Considerar seus valores é também dar visibilidade ao seu território, à sua comunidade, à sua diversidade, aos diálogos, às relações.

Nas próximas páginas desta publicação encontramos registros de ações realizadas em escolas a partir das provocações do *Programa Meu Ambiente*. Professoras e professores que encontraram muitos bons motivos para ter a natureza presente nos processos de aprendizagem de diferentes

faixas etárias. Conhecer estes projetos é fundamental para nutrir nossa criatividade, e nos mostrar caminhos. É possível! E conhecer experiências reais nos ajudam a refletir e questionar nossa prática, mudar paradigmas e encontrar possibilidades que antes não eram percebidas.

Deixo aqui um pedido: esteja disponível e vislumbre as possibilidades. Toda mudança começa com um pequeno passo. Descubra o que é possível, desafie-se, e encontre sempre muito mais os motivos para realizar algo que as desculpas que impedem que aconteça.

Ana Carol Thomé



Pedagoga, especialista em Educação Lúdica, Psicomotricidade e Educação Inclusiva. Professora da Rede Pública, atuando no programa de inclusão escolar. Idealizou e coordena o programa *Ser Criança é Natural* do Instituto Romã, desde 2013. Trabalhou em Escolas da Floresta no Reino Unido, e pesquisa iniciativas que relacionem Educação e Natureza pelo mundo. Estuda a abordagem Pikler, primeira infância e desenvolvimento infantil. Professora por profissão, educadora de coração, brincante desde o nascimento. Acredita no poder da infância e que o mundo pode ser melhor.





QUERIDO LEITOR!

As próximas páginas foram tecidas em conjunto com a natureza, como o ninho de um pássaro ou o seu canto, ao escapar da copa da árvore e voar até o coração de uma criança. Estamos falando do *Programa Meu Ambiente* e de seus desdobramentos na atuação de sensíveis educadores e seus alunos, famílias e comunidade.

O *Meu Ambiente* está fazendo aniversário! São 10 anos de atuação, tendo a natureza como educadora. O *Programa* considera pessoas e natureza partes atuantes e significativas de um mesmo sistema interligado de vida – como, afinal, deve ser. Valoriza o indivíduo-educador e o indivíduo-aluno, despertando a reflexão sobre a importância de atividades ao ar livre, do contato mais próximo com o meio e da conservação dos biomas brasileiros e sua biodiversidade.

Trata-se de um dos programas de educação ambiental desenvolvidos pelo Instituto Ecofuturo, organização sem fins lucrativos, criada em 1999 e mantida pela *Suzano*, que investe na promoção do conhecimento e na conservação de áreas naturais, integrando pessoas, livros e natureza.

Nas próximas páginas veremos que o *Meu Ambiente* promove a sensibilização de professores, educadores, monitores ambientais e estudantes. Paralelamente, o *Programa* alcança Secretarias de Educação e Meio Ambiente, e instituições de ensino. O envolvimento de todos é fundamental para o bom desempenho da iniciativa, e é

O MEU AMBIENTE ESTÁ FAZENDO ANIVERSÁRIO!
SÃO 10 ANOS DE ATUAÇÃO, TENDO A NATUREZA
COMO EDUCADORA.

a partir da colaboração dos participantes que os trabalhos começam, privilegiando atividades que partem de suas realidades e preferências.

O *Programa* foi realizado, nos seus primeiros anos, com escolas públicas do entorno do *Parque das Neblinas*, usando a reserva como ambiente de encontros de formação, trocas e vivências. A metodologia, contudo, pode ser multiplicada em variados espaços naturais, proporcionando experiências significativas ao ar livre.

A seguir, vamos conhecer a trajetória de educadores de Bertioga, Mogi das Cruzes e Suzano, que já participaram do *Meu Ambiente* junto com seus alunos. A experiência única de cada educador traz um repertório rico de inspirações e mostra a natureza permeando a proposta pedagógica e os conteúdos do currículo escolar,

“QUANTO MAIS INTENSIFICAMOS E PROMOVEMOS ESSAS RELAÇÕES ENTRE NÓS E O AMBIENTE, MAIS DESENVOLVIDA SERÁ A CONSCIÊNCIA SOBRE AS NOSSAS RESPONSABILIDADES E O CUIDADO QUE DEVEMOS TER COM TODAS AS VIDAS.”

Michele Martins

muitas vezes de maneira interdisciplinar e para além do senso comum de que o estudo do meio está limitado a aulas de ciências ou geografia.

As diversas abordagens estimulam a refletir sobre as possibilidades de atuação de cada um no seu ambiente, incentivando educadores a criarem contextos de aprendizagem que envolvam os elementos da natureza, dentro e fora da sala de aula. Observar o líquen numa árvore e estudar o oxigênio em sala de aula; ver o cambuci na natureza e depois fazer o brigadeiro da fruta, calculando quantidades, registrando a receita, cozinhando e degustando o quitute; ler sobre a Mata Atlântica embaixo de uma árvore; descobrir em mapas o trajeto feito entre a própria casa e a escola e os acidentes geográficos do bairro; elaborar um jogo que reproduza o ambiente da floresta com folhas, gravetos e sementes coletados durante as caminhadas...

O *Meu Ambiente* convida a uma experiência de integração, oportunizando que cada participante se reconheça como parte de um ciclo contínuo e interdependente de vida, que tudo envolve e abriga. Ao vivenciar a natureza é possível renovar o olhar para o cotidiano e ao próprio ambiente, apropriando-se da realidade

em que se vive, do rio vizinho, da praça ao lado de casa, do pátio da escola, de um canteiro no quintal ou, até mesmo, das plantinhas na varanda.

Partindo de ações simples, como uma caminhada de reconhecimento dos arredores da escola, surgem muitas observações que culminam em ações com forte potencial transformador. Da busca por ampliar as atividades em ambientes naturais, acontecem transformações nos espaços escolares. Das árvores frutíferas plantadas na praça, se colhe o fruto e se ouve o pio do pássaro. E novos ciclos de dispersão de sementes e de ideias passam a povoar a atuação de todos: professores, estudantes, comunidade escolar, famílias, bairros.

A vivência na natureza é parte fundamental do programa, convidando à integração e à extensão dos temas abordados na escola. Todo esse contexto é revelado em múltiplas experiências práticas nas próximas páginas.

Desde o início, o *Meu Ambiente* tem deixado pegadas na trajetória de cada um de seus participantes. Os espaços naturais são espaços com vocação sensibilizadora e, mais do que isso, educadora. Quando conhecemos a natureza, nós nos responsabilizamos pelas relações

que tecemos com ela e com o outro, porque reconhecemos as conexões existentes entre todos os seres.

Atividades ao ar livre ajudam a entender contextos, observar lugares e conhecer histórias que, muitas vezes, são contadas por meio de um toque, de um cheiro, de um sabor ou de um som. O mundo se manifesta de várias maneiras, e acreditamos que certas leituras só podem ser feitas através dos sentidos.

E é pela porta de entrada destes sentidos que se desenvolve o apreço e o entendimento de que estamos todos interligados numa teia, cujos fios, quando tocados, reverberam a intensidade e intenção do toque por toda a sua extensão, atingindo o todo.

Por meio desta publicação, o *Instituto Ecofuturo* revela a trajetória de alguns de seus participantes, que representam tantos outros, e busca, assim, inspirar leitores e ampliar olhares e possibilidades de trabalho no espaço educador natureza: ambiente capaz de potencializar e humanizar a nossa leitura de mundo.

Então, querido leitor, vire as páginas e escute: o pio de um pássaro escapou da copa de uma árvore... e vai voar até mais um coração! Será o seu?



Os rios da minha vida

Me recordo de momentos com meu pai na barranca do Rio Paraná, quando nós e o Paranazão – como o rio era carinhosamente chamado –, corríamos livres, leves e soltos.

Rio potente e imponente, vai cortando milhares de quilômetros, dezenas de municípios e três países, forjando a paisagem, gerando vida e histórias.

O correr livre do Rio Paraná significava a formação de uma geografia orgânica, que na época das cheias formava os varjões, ambientes nos quais a vida existia em tremenda profusão e sonoridade.

Era o berçário de inúmeras espécies de peixes. Também bastava um descansar dos remos para contemplar irerês, curimatás, garças, socós, biguás, jacarés. Com sorte, o dia seria premiado com a aparição de um cervo do pantanal.

O que hoje chamamos tecnicamente como vocalização, meu pai e eu conhecíamos como sinfonia das aves, dos anfíbios e dos insetos, cada um tocando o seu “instrumento”. As obras musicais contrastavam com o nosso silêncio, única e respeitosa contribuição que poderíamos oferecer naqueles momentos.

Mas deixamos de correr livres. O Paranazão e nós.

As represas erguidas comprometeram os varjões. O rio, disciplinado pela força das necessidades humanas – sempre elas – teve transformada a complexa sinfonia de suas margens difusas em uma composição de poucas notas. O regente cervo custa agora a dar as caras.

E nós, disciplinados pela vida urbana, pelo tratamento asséptico e distante da natureza, pelo consumismo exagerado,

"O ITATINGA PODE SER O PRIMEIRO RIO LIMPO QUE MUITOS CONHECERAM NA VIDA."

também seguimos perdendo conexão e organicidade. Deixamos de nos encantar com a estética e sonoridade do ambiente natural. Deixamos de remar e de nos encantar nos varjões da vida.

Mas o que vi, ouvi e senti, não consigo esquecer. Mais que isso, a minha experiência de contato com a natureza me impregnou e forjou a minha essência.

O mesmo destino que na infância me apresentou ao Rio Paraná e me fez engenheiro florestal, também me deu o privilégio de conhecer, já na vida adulta, um rio chamado Itatinga. Amor à primeira vista que, creio eu, foi recíproco.

Mais mirradinho, com menor vazão e num relevo acidentado, não tem varjões,

E NÓS, DISCIPLINADOS PELA VIDA URBANA, PELO TRATAMENTO ASSÉPTICO E DISTANTE DA NATUREZA, PELO CONSUMISMO EXAGERADO, TAMBÉM SEGUIMOS PERDENDO CONEXÃO E ORGANICIDADE. DEIXAMOS DE NOS ENCANTAR COM A ESTÉTICA E SONORIDADE DO AMBIENTE NATURAL. DEIXAMOS DE REMAR E DE NOS ENCANTAR NOS VARJÕES DA VIDA.

mas um curso sinuoso. E impressiona mesmo por sua transparência, pelas cachoeiras e pequenas praias.

Mas a mim, toca principalmente pela história que ele me conta. Cada gota traz na sua essência uma história não somente própria de uma substância chamada água, mas de plantas, bichos e gente.

Você, que como eu pode estar agora na cidade grande, pare perto de um rio próximo e tente ouvir o que ele tem para contar. Sim, todos os rios podem falar, não apenas o Paranazão e o Itatinga. Certamente, as histórias não são as mesmas.

Voltando aos dois rios da minha vida, eles correm em sentido quase contrário e deságuam no Atlântico, distantes um do outro, mas o oceano lhes permite misturar suas histórias e vidas no eterno embolar das correntes. Ali, se tornam um.

Bem antes disso, nas nascentes do Itatinga, um tal de *Parque das Neblinas* foi criado para abraçá-lo e protegê-lo. Cada uma de suas quase quinhentas nascentes é um filhote de rio e, como tal, merece especial cuidado. A Mata Atlântica que lhe serve de manto se recupera do assédio do *Homo sapiens*. No Parque, engenheiros

florestais, biólogos, guarda-parques, monitores, pesquisadores, cozinheiras, ecoturistas, educadores e estudantes tratam o Itatinga e a Mata com grande e merecida reverência.

Parte do que até o momento escrevi pode ser explicada pela geografia, biologia, física, matemática, história e cultura. Podemos tentar compreender a vida de qualquer rio por meio destas "disciplinas". Melhor, podemos falar de geografia, biologia, física, matemática, história e cultura por meio dos rios e também das matas e paisagens. É o ambiente natural como espaço educador.

Qual o reflexo que o convívio com o ambiente natural pode proporcionar para pessoas praticamente desprovidas da oportunidade do contato com a natureza? Sem contar o desfrute em si, os benefícios à saúde e a sensação de encantamento, o

quanto as escolhas futuras não poderão ser influenciadas pelo contato e (re)descoberta do ambiente natural?

Fico feliz só de saber que o Rio Itatinga oferece, para todas as pessoas que hoje o visitam, a oportunidade, cada vez mais rara, que o Paranazão me ofereceu. O Itatinga pode ser o primeiro rio limpo que muitos conheceram na vida. E muitos se confraternizam e compartilham histórias com as suas águas frias e transparentes, testemunhas de tantos momentos de transformação.

Quem sabe sejam instigados ao contato cada vez mais constante com a natureza. Quem sabe consigam até ouvir o que cada rio, cada planta e cada bicho tem a nos dizer.

Paulo Groke



Diretor Superintendente do Instituto Ecofuturo, Paulo Groke é engenheiro florestal (ESALQ/USP), e especialista em ecoturismo (SENAC) e em Prevenção e Controle de Incêndios Florestais (UFPR). É responsável pela gestão do Parque das Neblinas e atua há 35 anos com conservação ambiental.





SUMÁRIO

Fazedores de histórias.....	22
Natureza na telha.....	27
Vista linda.....	33
Caixas ganham asas.....	39
Q de quero-quero	45
Ler a natureza	51
Uma trilha para chamar de sua	57
E a escola se transformou em floresta	63
E a escola brotou	69
Música da natureza	75
Brincar com terra	81
Plantar transformações	87
Vai dar fruta nessa escola	93
Manifestantes da poesia	99
Nascente de ideias	105
Abrir os portões	111
Referências inspiracionais.....	116
Biblioteca da natureza.....	118

FAZEDORES DE HISTÓRIAS

CIBELE CRUZ

Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental José Carlos Buzinaro – Bertioga
Classe participante: 5º ano

“TEMOS QUE TOCAR O CORAÇÃO DELES PRA PLANTAR UMA SEMENTINHA EM CADA UM. AÍ ELA VAI CRESCER E LÁ NA FRENTE A GENTE VAI COLHER FRUTOS.”



JAQUELINE MARTIN ALARCON

Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Genésio Sebastião dos Santos – Bertioga
Classe participante: 5º ano

“EU FALAVA COM TODO ENCANTAMENTO E TRAZIA TEXTOS E VÍDEOS. MINHA PRÓPRIA INSPIRAÇÃO CONTAGIOU AS CRIANÇAS NO SENTIDO DE CONHECER O AMBIENTE.”



MARCELO OLIVEIRA

Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental José de Oliveira Santos – Bertioga
Classe participante: 1º ano

“DEPOIS DESSE PROJETO ACABAMOS ABRINDO A MENTE E DESENVOLVENDO OUTROS PROJETOS SEMPRE COM ESSE FOCO NA RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA.”



MÔNICA MARTINEZ

Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental José Carlos Buzinaro – Bertioga
Classe participante: 2º ano

“UMA DAS FUNÇÕES DA ESCOLA É OPORTUNIZAR O CONHECIMENTO E SE PODERMOS, ENQUANTO PROFESSORES, NOS APROPRIAR DO INTERESSE E DA REALIDADE DO ALUNO, FANTÁSTICO!”



RENATA GRAZIELA DE CHECHI PEREIRA LANZA

Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental José de Oliveira Santos – Bertioga
Classe participante: 1º ano

“PARA QUE POSSAMOS DEIXAR UM LEGADO DE AMOR E APRENDIZAGEM É NECESSÁRIO NOS ENTENDERMOS PARTE DO LUGAR EM QUE VIVEMOS E, ASSIM, OUVI-LO, SENTI-LO E TRANSFORMAR TUDO EM AÇÕES DE CUIDADO.”



CECÍLIA DÍAZ OLMOS
Escola Municipal Sérgio Hugo
Pinheiro – Mogi das Cruzes
Classe participante: 1º ano

“DESDE PEQUENA SOU APAIXONADA
POR NATUREZA, ENTÃO BUSCO CURSOS
RELACIONADOS A MEIO AMBIENTE.”



DÉBORA FERRAZ
Escola Municipal Sérgio Hugo
Pinheiro – Mogi das Cruzes
Classe participante: Infantil 4

“A EXPERIÊNCIA FICA PARA SEMPRE. A GENTE NÃO
CONSEGUE TRABALHAR COM A CRIANÇA DO MESMO
JETTO QUE TRABALHAVA ANTES. O OLHAR MAIS ATENTO
TEM PRAZER EM VER, APRECIA, É DIFERENTE.”



**ROSEMEIRE APARECIDA
DE SOUSA CARDOSO**
Escola Municipal Rural Eunice
de Almeida – Mogi das Cruzes
Classe participante: 3º e
4º ano (multisseriada)

“AS CRIANÇAS FICARAM MARAVILHADAS
COM TUDO. VOLTARAM DO PARQUE COM
OLHINHOS DE ENCANTAMENTO.”



**SOLANGE APARECIDA
GONZALES BASSINI**
Escola Municipal Cecília de Souza Lima
Vianna – Mogi das Cruzes
Classe participante: 1º ao 5º ano –
Fundamental I

“COMO ESTAMOS PRÓXIMOS DA
MATA ATLÂNTICA, VENHO TENTANDO
CONSTRUIR COM MEUS ALUNOS UMA
POÉTICA DA NATUREZA.”



VANESSA ADELINA DIAS
Escola Municipal Luiz de Oliveira
Machado – Mogi das Cruzes
Classe participante: Educação Infantil –
Infantil 3 e 4 (multisseriada)

“SEMPRE QUE POSSÍVEL, A GENTE FAZ
ATIVIDADES FORA DA SALA DE AULA,
EXPLORANDO TUDO O QUE A GENTE CONSEGUE
PERCEBER DE FORMA PRÁTICA E CONCRETA.”



**KEROLLEN FERNANDES MARTINS
E MILENA DE JESUS RIBEIRO**
Escola Municipal Professora Edna
Leite Lima – Suzano
Classe participante: 1º A e 1º B –
Fundamental I

“O OBJETIVO DO NOSSO TRABALHO FOI
PROPICITAR AOS ALUNOS VIVENCIAREM
A NATUREZA EM SUA FORMA LITERAL
E VALORIZAREM O TERRITÓRIO
EM QUE HABITAM.”



**MICHELLE NUNES
DURAES NOGUEIRA**
Escola Municipal Engenheiro
Isaías Martinelli Gama – Suzano
Classe participante: 1º ano

“DESCOBI QUE A CRIANÇA SÓ VAI CUIDAR
DAQUILO QUE AMA, E ELA SÓ VAI AMAR A
NATUREZA SE ELA SE SENTIR PARTE.”



PATRÍCIA ÁRIAS
Escola Municipal Ângela Martins
de Oliveira – Suzano
Classe participante: 2º ano

“EU VINHA DE UM PROCESSO MUITO DIFÍCIL DE
COMEÇAR A OLHAR PARA A EDUCAÇÃO E ME PERGUNTAR:
O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI? ESSE PROJETO VEIO
PARA ME DESPERTAR DE NOVO COMO PROFESSORA.”



RANDAL DE SOUZA ALVES
Escola Municipal Engenheiro
Isaías Martinelli Gama – Suzano
Classe participante: 1º ano

“A PARTIR DO CURSO E DOS MATERIAIS
OFERECIDOS ABRIU-SE UM NOVO HORIZONTE
EM MINHA VIDA PEDAGÓGICA.”



RAYSSA PEREIRA DA SILVA
Escola Municipal de Ensino
Fundamental Ignez de Castro
Almeida Mayer – Suzano
Classe participante: 2º ano

“NÃO VEJO VALOR EM EXPLORAR APENAS O
CONTEÚDO DO LIVRO DIDÁTICO. SE ESTOU NA
ESCOLA COMO PROFESSORA, TENHO QUE TRAZER
UMA FORMA DELES EXPERIENCIAREM COISAS.”





VEM, PASSAREDO! TÁ NA HORA DO LANCHE!

NATUREZA NA TELHA

Escola Municipal de Ensino Infantil e
Ensino Fundamental José Carlos
Buzinaro – Bertioga
Educadora: Cibele Cruz

“EU SOU PROFESSORA EM BERTIOGA HÁ DOIS ANOS.
APRENDI MUITO COM AS CRIANÇAS, ELAS ME
MOSTRARAM COISAS SOBRE A MATA QUE EU NÃO
CONHECIA. FOI MUITO LEGAL ESSA TROCA
DE EXPERIÊNCIAS.”

JAMBO, JABUTICABA-DO-MATO E CAJÁ-MANGA: QUANTA FRUTA PARA DEGUSTAR

Algumas telhas antigas estavam sem destino num canto da casa da professora de artes. Enquanto isso, Cibeles, professora do 5º ano, participava do *Meu Ambiente* e a sua turma se empolgava com as aves. “Na escola, os **passarinhos** vêm **comer** com eles na **mesa**. Lá tem coruja buraqueira e as crianças tomam todo cuidado na aula de educação física para não machucá-las”, conta a educadora. Junto com a professora de artes, Cibeles propôs para a turma: que tal registrar os pássaros do nosso bioma e dar vida às telhas esquecidas?

A EMEIF José Carlos Buzinaro, onde também trabalha Mônica Martinez, fica em Bertioga, perto do encontro entre o Rio Guaratuba e o mar. As crianças moram perto da praia em região arborizada e têm oportunidades constantes de contato com a natureza.

“Eu sou professora em Bertioga há dois anos. **Aprendi muito com as crianças**, elas me mostraram coisas sobre a mata



que eu não conhecia. Foi muito legal essa troca de experiências”, conta Cibeles.

Naquele ano, Cibeles provou **frutas** que nunca tinha visto.

- Tia, eu trouxe araquá pra você.
- O que é isso?
- É goiabinha do mato.

“O JAMBO PARECE UMA MAÇÃ E O CAJÁ-MANGA É CHEIO DE ESPINHOS E É AZEDINHO.”

Jambo, jabuticaba-do-mato e cajá-manga ainda entrariam na **roda de experiências gastronômicas** da professora.

A ideia de **pintar** os pássaros nas **telhas de barro** fez sucesso entre as crianças. Cada criança ganhou uma telha, levou para casa, limpou e trouxe de volta à escola. Cada um escolheu seu **pássaro preferido** e **pesquisou** seus **hábitos**: a reprodução, o ninho, a alimentação, o canto, as cores... Depois **desenhou** e **pintou** na **telha**. “No final, o Secretário de Educação deu a ideia de pendurarmos na escola, mas as crianças quiseram levar as telhas para casa”, conta Cibeles.

Ao longo do ano, a educadora buscou introduzir **temáticas** ligadas à **natureza** ao lecionar os conteúdos programados, num trabalho interdisciplinar. “O 5º ano precisa focar muito em habilidades de português e

Multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar

Quando várias disciplinas estudam o mesmo objeto, mas sem interações, trata-se de estudo multidisciplinar. Quando há interação e colaboração entre as disciplinas, no estudo do mesmo objeto, trata-se de estudo interdisciplinar. O estudo transdisciplinar se dá quando é possível extrair da colaboração entre as disciplinas um caminho norteador.

matemática por causa do Saresp (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo). Em **língua portuguesa**, eu buscava usar **textos** sobre

"AS CRIANÇAS TÊM PRAIA E MATA AO REDOR O TEMPO INTEIRO. EU FALO PRA ELES QUE ELES SÃO RICOS POR TER TUDO AQUILO PERTO DELES."

a **mata**. Em **matemática** incluí **quilômetros e distâncias**, abordando Guaratuba e região", conta Cibeles. Além disso, em **geografia, história e ciências** a professora buscou fazer um **trabalho interdisciplinar**, estudando a mata e os animais.

Ao comemorar o aniversário de Bertioga, em maio, conversaram bastante sobre a localidade e viram na internet as imagens de satélite da região. "Acharam o máximo localizar as próprias casas e ver por cima", diz



a professora. Ficaram indignados ao imaginar que a mata um dia poderia acabar e um dos alunos disse: "Por mais que nossas casas estejam dentro da mata, **a gente tem que conservar o que está ao redor.**"

Ao visitar a floresta, as crianças se encantaram com o rastro de animais, pegadas da anta, arranhões da onça, e com tudo o que puderam ver com a lupa. Entre as coisas que mais chamaram a atenção das crianças, estavam as manchinhas vermelhas, verdes e azuladas nas árvores. Perguntaram para a monitora por que existiam aquelas manchinhas, os **líquens**, e ela explicou que isso se dava devido ao **local** ser muito **bem oxigenado**. Fungos e algas são sensíveis à poluição e onde eles existem é sinal de ar puro. A

nova **informação rendeu pesquisa** na volta às aulas. Os alunos buscaram vídeos sobre o tema, debateram sobre a oferta de ar puro da natureza e sobre a necessidade que os seres humanos têm de oxigênio.

Algumas crianças já tinham feito a vivência na mesma floresta quando mais novos e um aluno disse:

— Tia, quando eu fui da primeira vez eu era pequeno e eu só lembrava do

maravilhoso pão de queijo e do banho de rio. Mas agora, indo pela segunda vez, eu vi como é linda a natureza.

"TEMOS QUE TOCAR O CORAÇÃO DELES PRA PLANTAR UMA SEMENTINHA EM CADA UM. AÍ ELA VAI CRESCER E LÁ NA FRENTE A GENTE VAI COLHER FRUTOS."

Impulso verde

A participação de Cibeles e Mônica no *Programa Meu Ambiente* intensificou as ações em educação ambiental e fortaleceu o movimento de aproximação da natureza que a escola já buscava. Várias ações vingaram na comunidade escolar: as crianças deixaram de usar copos descartáveis e cada um passou a usar a sua caneca, houve redução de alimentos descartados nas refeições e também redução de papel jogado nas lixeiras das salas de aula, a horta da escola foi incrementada, a separação de recicláveis foi implementada, um comedouro para pássaros passou a receber as sobras de frutas das crianças. A natureza não estampou só a telha de barro, mas fez arte pela escola inteira.



INSPIRAÇÃO QUE TRANSPIRA

VISTA LINDA

Escola Municipal de Ensino Infantil e
Ensino Fundamental Genésio Sebastião
dos Santos – Bertioga
Educadora: Jaqueline Martin Alarcon

“ELES NÃO SABIAM QUE SERRA ERA AQUELA QUE
VÍAMOS PELA JANELA, QUE VEGETAÇÃO COBRIA A
SERRA. COMO ELES MORAM NESSE PARAÍSO E NÃO
CONHECEM? ISSO ME INDIGNAVA E AO MESMO
TEMPO ME INSPIRAVA A FAZER ELES CONHECEREM.”

QUANDO A ÁGUA VEM, PARA ONDE O LIXO VAI?

Jaqueline queria participar do *Programa Meu Ambiente*. Ela ficou sabendo de sua existência no Festival da Mata Atlântica, atividade promovida pela Secretaria de Meio Ambiente de Bertioga. Desde então, começou a idealizar um **projeto** que incluísse uma **vivência** na **natureza** com seus alunos. Trocou dicas e informações com os gestores do *Programa Meu Ambiente*, elaborou seu projeto, e levou ao diretor da escola. O diretor aprovou sua ideia de **visitar** uma **floresta** com as crianças e ela conversou com todos sobre as questões envolvidas, inclusive sobre como viabilizar a ação.

Tudo estava sendo organizado, quando aconteceu o inesperado: o *Programa Meu Ambiente* foi implementado no município de Bertioga, abrangendo a escola em que



“DEPOIS DO PROGRAMA SOU OUTRA PESSOA, A VONTADE DE TRANSFORMAR O OLHAR DOS EDUCANDOS PARA O NOSSO AMBIENTE É INTENSA.”

Jaqueline lecionava. Ela se inscreveu e foi contemplada.

“Desde que comecei a lecionar em Bertioga, senti a necessidade de **despertar o amor** e o **cuidado** pelo nosso **bioma**”, conta a professora. Ao olhar pelas janelas do prédio da escola, localizada no bairro Chácara Vista Linda, ela perguntava aos alunos qual era o nome da serra que podiam ver. Ninguém sabia a resposta e isso era perturbador, e também instigante.

Naquele ano, o livro de língua portuguesa

Meio ambiente e interdisciplinaridade em sala de aula

Além da língua portuguesa, Jaqueline entrelaçou conhecimentos sobre a região em outras matérias

- Geografia: vegetação da serra e do mangue
- Ciências: poluição e contaminação da água
- Matemática: resolução de problemas, incluindo temática ambiental, como a supressão de mata ocorrida em Bertioga

adotado para as turmas do 5º ano tinha como tema a **Mata Atlântica**. Não poderia ser melhor! Era um apoio para Jaqueline **trabalhar diversos temas** e questões coerentes com seu projeto de **reconhecimento da região** em que moravam.

Assim, Jaqueline passou a **andar** com a meninada pelo **bairro** para ver o que havia ao redor. Algumas questões chamaram a atenção: a **invasão do mangue** foi uma delas. Embaixo das casas de madeirite, a cerca de três metros do chão, **havia garrafas, fraldas descartáveis, sacolinhas**

plásticas... E para onde vai o lixo quando a água sobe?

Pensando em como melhorar essas questões, as crianças passaram a **olhar para o próprio lixo**, aquele que descartavam em casa. Começaram a observar quanto lixo havia e como poderia ser classificado e separado. Sem coleta seletiva no bairro, alguns pais começaram a levar o lixo separado para o bairro Riviera de São Lourenço, a cerca de 7 km da escola. Ao irem à praia, as **crianças** começaram a levar alguns sacos plásticos para

“QUANDO MINHA INSCRIÇÃO PARA O MEU AMBIENTE FOI APROVADA, REALIZEI TODO O PROJETO COM MUITA FELICIDADE.”

recolher não apenas o próprio lixo, mas também o **lixo largado** sem dono. “Eu vi a **mudança de comportamento** deles. Antes, não tinham a preocupação de onde descartariam os resíduos”, conta Jaqueline.

Começando pelo que estava mais próximo, Jaqueline tinha como objetivo que as crianças percebessem sua **relação com o ambiente** ao redor: o Rio Itapanhaú, o mangue, a Serra do Mar, a Mata Atlântica, as moradias, a produção e descarte do lixo. E que essa **intimidade com o ambiente** despertasse **encanto e o desejo**



de cuidar. Algumas crianças não eram de Bertioga e, ao conhecer melhor o local, passaram a **valorizar o território**. Com o tema “Conhecendo para respeitar”, a observação do bairro foi se expandindo para a observação do mundo.

Assim, assistiram a **reportagens** sobre a **poluição** nos principais rios do Brasil: como já haviam sido limpos e como estavam nos dias atuais, sobre a Mata Atlântica e sua vulnerabilidade diante do avanço do **desmatamento** e do **aquecimento global**, entre outros temas. Depois das reportagens, faziam rodas de conversa para troca de informações e impressões.

Em uma reunião com os pais, Jaqueline conversou sobre a vivência que ocorreria na natureza. A visita não seria simples passeio, mas parte dos estudos e uma **oportunidade**

para todos **desligarem o mundo digital e ligarem os radares na natureza**. No dia, faltou apenas uma aluna porque ficou doente.

Jaqueline conta que na volta da vivência havia uma chuva de perguntas e ideias sobre como poderiam descrever o sentimento gerado pela proximidade da floresta. Fizeram **cartazes** sobre a **ação destrutiva do homem** na natureza e deixaram expostos na sala de aula, produziram **textos sobre conservação e respeito** ao ambiente, e terminaram com a **produção de um vídeo** falando sobre a vivência. O vídeo foi postado em redes sociais e apresentado para toda a comunidade escolar.

“NÃO SEI SE É PORQUE EU AMO MUITO ESSA CIDADE OU RESPEITO A NATUREZA, MAS EU INCORPOREI O MEU AMBIENTE, EU RESPIRAVA O PROGRAMA, SÓ SABIA FALAR DISSO.”



Jaqueline sentiu como especial a **mudança** de um de seus alunos **após a vivência na natureza**, demonstrando envolvimento, concentração e interesse inéditos: “a transformação desse garoto foi maravilhosa, a participação dele na conclusão do projeto foi intensa.” Ter acesso à natureza de fora pode ajudar a encontrar a natureza de dentro.



"O MEIO AMBIENTE NÃO É AQUELE LÁ LONGE, É O MEIO NO QUAL VOCÊ ESTÁ INSERIDO"

CAIXAS GANHAM ASAS

Escola Municipal de Ensino Infantil e
Ensino Fundamental José de
Oliveira Santos – Bertioga
Educador: Marcelo Oliveira

"A VIVÊNCIA NA NATUREZA FOI MARAVILHOSA!
LEMBRO DE UMA CRIANÇA FALANDO PRA MIM DOS
DIFERENTES TONS DE VERDE QUE A GENTE TINHA
COMENTADO EM SALA DE AULA. O OLHAR PARA OS
DETALHES FOI MÁGICO. TODOS ELES VÃO CARREGAR
ESSE DIA NO CORAÇÃO PARA O RESTO DA VIDA."

“Eu e alguns outros professores já estávamos preocupados com o **descarte de embalagens** dos alimentos que vinham para a escola”, conta Marcelo. “Eu estava juntando as caixas de banana, por exemplo, e aí ficou uma dúvida: o que fazer com esse material?”

Foi no primeiro encontro do *Meu Ambiente* que veio a ideia de **reaproveitar as embalagens** para **confeccionar brinquedos** para o dia das crianças. Como as crianças estavam bem **encantadas** com os **pássaros**, suas cores e cantos, surgiu a ideia: usar as caixas de banana para construir pássaros de madeira. A EMEIF José de Oliveira Santos fica ao lado do Sesc Bertioga, também reserva natural, que pode ser alcançada a pé. Na escola há diversas árvores que são visitadas com frequência pelas aves.

Alguns professores haviam se programado a fazer, ao longo do ano, algumas **visitas ao Sesc**, combinando a programação disponibilizada aos conteúdos curriculares ou mesmo realizando atividades

independentes. Uma das atividades que Marcelo desenvolveu com as crianças por lá foi o *mapa auditivo*.

Um desafio do **mapa auditivo** era praticar o **silêncio**. “Foi interessante ver as crianças tentando ficar quietas. Uma não podia falar enquanto a outra estava tentando achar um pássaro no seu mapa auditivo. Depois que todo mundo terminava, elas se arriscavam: Era bem-te-vi, era guacho, era canário?”, conta o professor. Em sala de aula, o trabalho com as aves foi ganhando asas. Cada criança escolheu uma espécie e ela própria encarnava o pássaro ao se descrever:

— Eu tenho peito vermelho e minhas asas são pretas.

Brincando, foram pesquisando e se familiarizando com diversas espécies da região, unindo **ciências** e **língua portuguesa** nessa busca das singularidades de cada pássaro. Partiram, então, para o trabalho de reaproveitamento das caixas de banana. Marcelo pediu **ajuda** e alguns **pais** vieram para cortar as caixas nos

formatos certos: corpo e asas ganharam contorno. Enquanto isso, a pesquisa sobre as cores e o canto das aves continuava entre as crianças.

Então, cada criança ganhou dois *kits* com asas e corpo de madeira. As **famílias**



O mapa auditivo e seus objetivos

Vamos brincar de mapa auditivo?

Cada criança recebe uma folha sulfite com alguns círculos desenhados. A criança está representada no centro da folha. De olhos fechados e em silêncio, ela escuta os sons da mata: o vento nas folhas, a água do rio, os pingos da chuva, os insetos e os pássaros. Ah, os pássaros! Tenta perceber, por exemplo, se o pássaro cantou à sua frente, atrás, à direita ou à esquerda e marca a localização com um x na folha de papel. Pelas características do canto, ela tenta adivinhar qual é a ave.

Objetivos

Concentração, percepção e distinção de sons, reconhecimento das aves, sentir-se parte do ambiente, entregar-se e encantar-se com a natureza, perceber com os ouvidos o que não se vê com os olhos.

"FOI MUITO FÁCIL TRAZER AS CRIANÇAS PARA A IDEIA DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, DA VISÃO DO HOMEM ENQUANTO INTERDEPENDENTE DA NATUREZA PORQUE A PROPOSTA APRESENTADA PARA OS PROFESSORES, A METODOLOGIA E TODA A ESTRUTURA (DO MEU AMBIENTE) FOI ENCANTADORA."

também **participaram**, ajudando a lixar as peças, que depois ganharam as cores do pássaro escolhido e previamente pesquisado. Cada criança pintou dois pássaros: um deles ficou com ela e o outro ela deu de **presente** para um **colega** de outra sala de aula.

Trazer os **pais e familiares** para **participar** do Programa e do cotidiano escolar foi **muito enriquecedor**. O aprendizado tornou-se mais significativo e as ações mais participativas e eficientes. A **colaboração** dos pais nos processos escolares faz a criança sentir-se valorizada e incentivada. A **comunidade escolar ganha força** e novas ideias.



Outros projetos ganhariam ainda corpo naquele ano. A vivência na natureza foi impactante. "Foi uma semana de chuva, nosso passeio foi adiado por queda de árvores, a expectativa cresceu e no dia em que nós fomos, tudo mudou, o céu brilhou, o vento acalmou, as crianças puderam entrar no rio, eu nadei com elas. Foi um **dia de encanto**, como se elas tivessem entrado num outro mundo, num outro universo. Naquele dia, a Terra girou mais devagar", conta Marcelo.

As crianças voltaram da vivência atentas com a natureza e preocupadas com a produção e o desperdício de alimentos. A **horta da escola** foi **revitalizada** e cresceu, teve salada de frutas com a participação de todos e Marcelo ajudou com sua turma na execução do projeto *Vigilante do Desperdício*, que incentivava a consumir conscientemente os alimentos e **cuidar dos restos e sobras**.

Com o princípio de que "comida não é lixo" e não deve ser descartada, o projeto se mostrou muito eficiente nas mudanças de consumo dos alimentos servidos na

"O CÉU BRILHOU, O VENTO ACALMOU, AS CRIANÇAS ENTRARAM NO RIO E EU NADEI COM ELAS"

escola. Em sistema de rodízio, sempre duas crianças ficavam incumbidas de serem as vigilantes do desperdício durante as refeições. Elas usavam coletes especiais para a função, faziam um trabalho de verificação de sobras, e **conversavam** com as outras crianças sobre **evitar o desperdício**. Em uma competição, a sala que produzisse menos resíduos ganharia. "Antes, as crianças menores faziam pratos grandes e descartavam. A partir desse trabalho **reduziu-se** consideravelmente o **desperdício de alimentos na escola**", conta Marcelo.

Outro projeto desenvolvido pela turma do Marcelo foi o *Cuidar da Ciclovía*, que é muito usada na região e constantemente está suja com lixo. "Mais tarde o Sesc arborizou também o trajeto da ciclovía e foi bacana", conta. Para Marcelo, a participação no *Meu Ambiente* não tem fim. Cada professor participante busca multiplicar os conhecimentos na sua unidade escolar. "Esse projeto não se fecha, ele se expande e se multiplica a cada ano.

O tema é sempre atual. Aqui na escola, estamos sempre trazendo esse tema à tona com um novo viés ou novo enfoque."

Caixas com asas

"Um dos objetivos do projeto foi fazer com que a criança tivesse a noção da importância de cuidar da natureza para cuidar de si própria. Reutilizamos as embalagens dos alimentos que vieram para a escola, aprendemos a doar o fruto do nosso trabalho para outras crianças e pesquisamos pássaros da Mata Atlântica e sua dificuldade em sobreviver com a invasão do homem no espaço deles. Esse foi o foco do trabalho de modo geral." *Marcelo Oliveira*



ALI, ONDE A MENINADA E O RIO GUARATUBA ABRACAM O MAR

Q DE QUERO - QUERO

Escola Municipal de Ensino Infantil
e Ensino Fundamental José Carlos
Buzinaro – Bertioga
Educadora: Mônica Martinez

"A PARTIR DO QUE É DESPERTADO NA GENTE,
ENQUANTO PROFESSOR, A GENTE TRABALHA O ANO
INTEIRO VOLTANDO O OLHAR PARA A QUESTÃO
NATURAL. SÓ DÁ CERTO PARA AS CRIANÇAS SE
TOCAR O CORAÇÃO DO PROFESSOR."

Quero-quero faz ninho lá perto do campinho de futebol. E a meninada que se cuide! Se invadirem o gramado do pássaro, lá vem rasante! Quero-quero, tucano, a mata, a meninada e o Rio Guaratuba encontrando o mar... Isso tudo cabe em Guaratuba, Bertioga, onde fica a EMEIF José Carlos Buzinaro.

Para **despertar os sentidos** das crianças para toda essa riqueza, Mônica lançou um **desafio**. As crianças deveriam **observar** algo que nunca haviam notado no seu percurso de casa até a escola, mesmo que percorressem todos os dias o mesmo trajeto.

Ao chegarem à escola, nasciam os diversos **relatos e registros** do que havia chamado

Caminhada com propósito

- Aguçar os sentidos
- Perceber os desafios e potenciais do entorno
- Refletir sobre os impactos da “nossa pegada”



a atenção: os tons de verde das árvores, uma joaninha pelo caminho, o canto de um pássaro diferente.

O comentário de um aluno aguçava a curiosidade dos outros e, no dia seguinte, traziam observações novinhas em folha, em árvore, em rio, e as ideias iam fermentando. Partindo dessas

observações, o despertar dos sentidos foi ganhando corpo entre as crianças e virou tema da classe. O objetivo da educadora era **sensibilizar as crianças** para conhecerem a **riqueza do seu entorno**, plantando o **desejo de conservar**.

Essas observações levaram a atividades bastante significativas, como o **registro escrito**. Na sala de aula, foi colocada uma cartolina e algumas vezes por semana as crianças escreviam lá o que haviam observado de novo. Às vezes, acontecia de alguém escrever uma **palavra errada** e um colega **colaborava** com uma **correção**, tornando o **processo de alfabetização mais significativo e conectado** com o cotidiano das crianças.

Além da **língua portuguesa**, outras disciplinas entraram na roda das observações. A **matemática** das horas apareceu no quintal da escola, quando as crianças começaram a observar a sombra que as árvores faziam. Por alguns dias foram, então, visitar essa sombra logo



na chegada, às 7h30. Depois novamente às 10 horas, e outra vez, ao meio-dia. Registraram em desenhos e ficaram impressionadas com a possibilidade da leitura das horas por meio da observação do Sol.

Esse olhar chamou a **geografia** para falarem mais sobre o nascer e o pôr do sol e os pontos cardeais. Nessa aula, conversaram também sobre a vivência que fariam na floresta. Qual seria a distância? Onde ficava? O assunto se expandiu

para uma exploração do globo terrestre com um pouco de som para animar a pesquisa. A música escolhida foi *Ora bolas*, do Palavra Cantada.

*"Onde está a cidade?
Tá do lado da floresta!
Onde está a floresta?
A floresta é no Brasil!
Onde está o Brasil?
Tá na América do Sul,
no continente americano,
cercado de oceano e
das terras mais distantes
de todo o planeta.
E como é o planeta?
O planeta é uma bola,
que rebola lá no céu."*

A visita ao *Parque* trouxe a proximidade com a **linguagem da floresta**. "A vivência na natureza traz a verdade que as crianças costumam ler nos livros", diz Mônica. Em Guaratuba, a floresta faz parte do cotidiano de todos, mas reconhecer no chão a pegada de um animal – no *Parque*

Mais que registros

- Aprimoramento da escrita
- Trabalho coletivo
- Ampliação do olhar a partir de observação cotidiana
- Multidisciplinaridade/interdisciplinaridade

puderam ver a pegada da anta – traz uma leitura nova de **pertencimento e comunhão**. No *Parque*, as crianças puderam ver árvores e insetos que também veem nos arredores da escola.

"Uma coisa é a criança chegar na escola e ouvir que não pode desperdiçar papel e outra coisa é ela sentir isso", fala Mônica. Ao longo do ano, as crianças foram sentindo e, no final, isso já se percebia na lata de lixo da sala de aula: mais vazia. As **folhas** das atividades eram **reaproveitadas**: leste, oeste, frente e verso. Também as folhas dos cadernos passaram



a ser utilizadas com mais cuidado e, em vez de começarem cada dia de aula numa nova página, eles passaram a pular apenas duas linhas. O **cuidado com a água** também pôde ser notado entre as crianças na hora de lavar as mãos. "A mudança de comportamento acontece devagar, mas uma discussão sobre a natureza puxa outra", garante Mônica.

Mônica diz que aprimorou sua prática pedagógica com o *Meu Ambiente*

"Todas as ciências nasceram da natureza e às vezes a gente monta um planejamento e não faz nenhuma referência à natureza. Por exemplo, se eu vou elaborar um problema de matemática, eu posso falar sobre o tamanho das árvores ou sobre o tempo de gestação dos animais da nossa floresta. Então, eu estou trabalhando ciências, matemática e falando da nossa Mata Atlântica. Se vamos falar do abecedário, o A é de anta, o L é de lontra, e o Q é de quero-quero."



UMA CAIXA DE SENTIDOS PARA ABRIGAR A NATUREZA

LER A NATUREZA

Escola Municipal de Ensino Infantil e
Ensino Fundamental José de Oliveira
Santos – Bertioga
Educadora: Renata Graziela de
Chechi Pereira Lanza

“AS MUDANÇAS NOS ALUNOS FORAM ACONTECENDO DURANTE TODO O PROCESSO, POIS COMEÇARAM A REFLETIR SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CUIDAR DO LUGAR ONDE VIVEM E MAIS, INICIARAM MUDANÇAS EM CASA, TAIS COMO REDUÇÃO DO LIXO, CUIDADOS COM A MATA ATLÂNTICA QUE RESTA PELA CIDADE E COM OS ANIMAIS QUE TEMOS AQUI.”

Quando Renata contou para sua turma de 1º ano que fariam uma **vivência na floresta**, o ânimo foi grande. Passaram a **pesquisar** sobre a **Mata Atlântica**, bioma presente onde estavam e moravam e também bioma da floresta que visitariam.

Entre os objetivos que Renata queria alcançar com as crianças estavam:

- Conhecer a Mata Atlântica e reconhecer-se como parte dela,
- Entender o conceito de biodiversidade,
- Pesquisar nomes de espécies de animais e de plantas do bioma,
- Ampliar o vocabulário,
- Refletir sobre o sistema alfabético de escrita,
- Incentivar a leitura,
- Visitar textos instrucionais.

Antes da visita à floresta e para colocar fermento no ânimo e curiosidade das crianças, Renata propôs **várias**

Ações para despertar a curiosidade

- Leituras com o tema Mata Atlântica: Poeminhas da Terra, Márcia Leite; Novos Brasileirinhos, Lalau e Laura Beatriz; Mata Atlântica, Rubens Matuck; Natureza Maluca, Edgard Bittencourt; Jacaré do Papo Amarelo, Rosana Rios; A Biodiversidade no Parque das Neblinas, Sibélia Zanon
- Pesquisa sobre pássaros da região
- Coleta de galhos, folhas secas e sementes
- Visita ao Sesc Bertioga
- Visita ao Viveiro de Plantas "Seo Léo"



"A sensação de pertencimento é importante no 1º ano: saber que esse é um lugar deles, que eles podem cuidar e preservar. No sentido comportamental: poder sair sem os pais, conversar com outras pessoas, conhecer a Mata Atlântica."

ser alcançado a pé, onde todos fariam uma trilha com um biólogo especializado em aves e conheceriam espécies e animais. No ano em que participou do *Meu Ambiente*, Renata lecionava na mesma escola que Marcelo Oliveira.

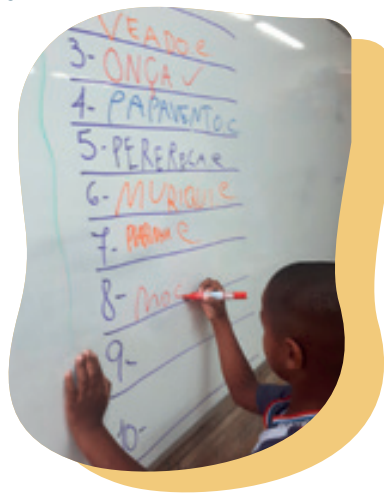
Ao fazerem a trilha no Sesc, as crianças pegaram gravetos, folhas e sementes. Com a coleta, construíram na escola uma **caixa de sentidos**, em que era possível mergulhar mãos curiosas e adivinhar o que havia por ali. "Eles puderam sentir a natureza com os dedos", conta Renata. Assim, trabalharam os **cinco sentidos em ciências**: olharam as belezas da trilha e sentiram o

atividades. Algumas delas já fariam parte da programação do ano, organizada pela Secretaria de Educação de Bertioga, como a visita ao Viveiro de Plantas "Seo Léo", onde as crianças conheceriam **abelhas nativas**, a **flora** do bioma e explorariam por **mapas** o território de Bertioga. Outras atividades foram pensadas para **reconhecer os arredores da escola**, como a visita ao Sesc Bertioga, vizinho que podia

"O QUE MAIS CHAMOU MINHA ATENÇÃO EM RELAÇÃO AOS ALUNOS FOI O OLHAR... DE ALEGRIA, CURIOSIDADE, MEDO, PRAZER, DESEJO, LIBERDADE, CONHECIMENTO... A VIVÊNCIA DE NOVOS DESAFIOS, UM MUNDO ALÉM DAS TELAS DO CELULAR E DO TABLET... ENTENDENDO A NATUREZA COMO PARTE DE SI MESMO."

cheiro da mata, escutaram pássaros, tocaram folhas e sementes. Mais tarde viria o paladar, com os brigadeiros de cambuci!

Quando chegou o dia da vivência na floresta, que ocorreu no *Parque das Neblinas*, as crianças estavam cheias de expectativas sobre o que veriam. Sabiam que se tratava do mesmo bioma e que a floresta que visitariam traria surpresas por estar numa região de altitude elevada, no alto da Serra do Mar, apresentando peculiaridades em relação à diversidade e estatura da vegetação. Subiram em árvores, reconheceram pegadas de animais, deitaram sobre a ponte do rio, experimentaram



alimentos novos... Tudo isso tocou forte as crianças e virou prosa animada na volta de ônibus.

Muitas **habilidades** ligadas ao **comportamento leitor** seriam ainda trabalhadas naquele 1º ano. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as propostas pedagógicas para os 1º e 2º anos do Ensino Fundamental devem propiciar que a criança produza, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, listas, avisos, convites, receitas, instruções de montagem, legendas para álbuns, fotos ou ilustrações, entre outros textos do campo da vida cotidiana.

Assim, durante as diversas atividades do ano, os **textos** foram **destaque**. Os alunos elaboraram a **lista dos animais** da Mata Atlântica numa produção individual e em cartaz coletivo. Elaboraram também a

BRIGADEIRO DE CAMBUCI, TE QUERO AQUI!

Receita de Brigadeiro de Cambuci

Ingredientes

1 lata de leite condensado
1 colher de manteiga
2 cambucis
Coco ralado para enrolar

Modo de fazer

Bater os ingredientes no liquidificador. Levar ao fogo até apurar. Esperar esfriar, enrolar e passar no coco ralado.

receita de brigadeiro de cambuci. Para que todos pudessem provar, precisaram dobrar a receita e, assim, a matemática foi entrando na culinária.

Como trabalho de fechamento, construíram um **jogo gigante**: *Trilha do Parque das Neblinas*. As crianças desenharam e formularam as regras de cada cartela e Renata ajudou como escriba. O jogo tinha dois dados gigantes e as crianças se organizavam num grupo de quatro para jogar: duas na trilha e duas lançando os dados. Na medida em que iam avançando, elas tiravam uma carta do jogo e liam as instruções. E a leitura de natureza só tinha a crescer na turma, cada dia mais afinada.

As vivências na natureza proporcionam aprendizados importantes

- Conteúdos conceituais: aprender sobre a biodiversidade e, estando na mata, unir os aprendizados teóricos à vivência concreta
- Conteúdos procedimentais: observar e fazer anotações sobre a natureza, sentir o cheiro e a texturas das folhas, subir numa árvore, saborear alimentos locais
- Conteúdos atitudinais: amar e respeitar as plantas, os animais, os outros e a si próprio



A ÁGUA GRANDE DO RIO ITATINGA FICOU NA MEMÓRIA

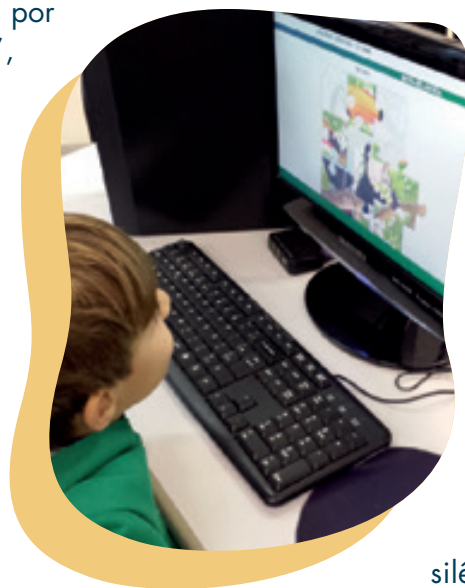
UMA TRILHA PARA CHAMAR DE SUA

Escola Municipal Sérgio Hugo
Pinheiro – Mogi das Cruzes
Educadora: Cecília Díaz Olmos

“POR MEIO DA ATIVIDADE LÚDICA, COLOCAMOS AS
INFORMAÇÕES SOBRE O TEMA MATA ATLÂNTICA, O
BIOMA ONDE ELES VIVEM.”

N a **roda de conversa**, Cecília perguntou para os alunos do 1º ano o que eles achavam que era a **Mata Atlântica**, como ela era e o que fazia parte deste bioma. Partindo do questionamento, as crianças arriscaram respostas e também desenharam suas hipóteses. “Foi interessante o levantamento das primeiras impressões das crianças. Nos desenhos apareceu, por exemplo, uma girafa”, conta a educadora.

Como os bichos foram recorrentes no discurso e nos desenhos das crianças, a professora traçou como objetivo **investigar** mais a fundo os **animais da Mata Atlântica**. Grande parte das crianças mora em casas ou sítios, numa região que pode ser considerada



semirrural. Alguns pais criam galinhas e as crianças conhecem animais que aparecem eventualmente pelo quintal, como gambás e até cobras.

Além da bicharada, tema recorrente nas conversas foram as maneiras de conservar. Juntos, chegaram à conclusão de que muitas coisas que usavam tinham sua

origem na floresta, como o **papel**. Dessa observação, a turma sentiu-se incentivada a fazer todo o processo de **reciclagem de papel**. Assim foi... até a utilização das folhas prontas, onde cada um pôde desenhar seu bicho preferido da Mata Atlântica.

Quando chegou o dia da vivência na natureza, as crianças tinham expectativas de ver a bicharada. Sabiam que o silêncio era importante para

SILENCIAR PARA NÃO ESPANTAR A BICHARADA



MARSUPIAL: NUTRIR A CRIA NA BOLSA E GANHAR A SIMPATIA DA MENINADA

“HÁ MUITAS PESQUISAS BEM FUNDAMENTADAS QUE AFIRMAM QUE, PARA MELHORES RESULTADOS NA APRENDIZAGEM, A EXPERIÊNCIA APARECE COMO TÃO IMPORTANTE QUANTO O CONHECIMENTO.”

Rita Mendonça

não espantá-los. Mas como não exclamar quando aparecia uma borboleta diferente? E um beija-flor? E uma bromélia vermelhinha que só? Assim, de espanto em espanto, usufruíram cada esquina do dia no Parque. Gostaram especialmente de encontrar as pegadas da anta, mas também da água grande do Rio Itatinga. E ficou a vontade de ver mais bichos: o bugio, por exemplo, que guincha com vontade.

De volta à escola, essa vontade levou a turma a **pesquisar na biblioteca** e conhecer algumas espécies mais a fundo. Descobriram, por exemplo, que o gambá é um marsupial, da mesma classe dos can- gurus, e nutre sua cria em uma bolsa após

Desvendar a Mata Atlântica

- Levantamento de hipóteses com as crianças sobre o bioma
- Pesquisa de animais e plantas do bioma na biblioteca
- Roda de conversa sobre os bichos da região: o gambá é um marsupial
- A floresta no nosso cotidiano: papel que vem da árvore
- Trazer a floresta para dentro da escola em um jogo gigante



o nascimento. O bichinho ganhou a simpatia da meninada.

Enquanto eles se entretinham com mais descobertas, Cecília encontrava num livro a imagem de um jogo em forma de trilha e, assim, nascia a ideia da **Trilha Gigante**, uma trilha lúdica, que poderia ser percorrida pelas crianças. A ideia lançada na classe agradou bastante e a diversão começou com a **construção coletiva do jogo**: animais e plantas fariam parte das cartelas e as crianças desenharam e pintaram os elementos escolhidos.

O jogo propiciou trabalhar **artes**, nas pinturas dos animais e plantas;

“A EXPRESSÃO LÚDICA TEM A CAPACIDADE DE UNIR O CONHECIMENTO E O SONHO.”

Paulo de Tarso Cheida Ians

ciências, nas diversas pesquisas sobre os elementos eleitos da Mata Atlântica que apareceriam nas cartelas; **língua portuguesa**, ao ler os textos. Propiciou também um avanço nas **relações interpessoais**. Com o jogo pronto, o ânimo foi geral, a classe jogou com outras turmas da escola. Quatro anos depois de participar do *Meu Ambiente*, o jogo ainda é usado por várias crianças.

Ao longo do ano Cecília notou, pela fala dos pais, que as crianças **levavam as novidades para casa**. Por criarem galinhas, alguns pais não gostam nadinha dos gambás, que têm um apreço especial por ovos. Assim, se os gambás antes eram mortos quando apareciam no quintal, agora a meninada não deixa mais. Também as cobras, as crianças pedem para chamar os bombeiros em vez de matar. E assim, passo a passo, a trilha da vida vai ficando mais verde.



Jogo Trilha Gigante

Objetivo

Conhecer fauna e flora da Mata Atlântica

Peças

23 cartelas ilustradas com elementos do bioma e 1 dado gigante

Sugestão para confecção

A professora imprimiu bem grande parte da imagem da cartela e as crianças completaram o desenho com lápis de cor e giz de cera

Estratégia de jogo

Cada cartela traz uma curiosidade, o bioma e um comando (avance ou volte). A curiosidade pode ser um texto sobre a jaguatirica ou um desafio para que o jogador adivinhe o som da araponga, por exemplo. Se a cartela contar notícia ruim sobre poluição ou descarte inadequado de lixo, a criança precisa regredir alguns passos na brincadeira. Eita!

Como jogar

Algumas crianças percorrem a trilha enquanto outras comandam o jogo. Tocam o som do bicho quando a cartela pede, leem as informações sobre as plantas ou animais

Dicas

- O jogo construído coletivamente com as crianças teve a temática Mata Atlântica, mas ele pode ser construído com diversos temas
- As crianças usam pantufas para pisar no jogo. Assim, ele dura anos e pode ser usado por diversas turmas



AS VOZES CANTAVAM LÁ DA REPRESA E A PROFESSORA DEU ASAS

E A ESCOLA SE TRANSFORMOU EM FLORESTA

Escola Municipal Sérgio Hugo Pinheiro –
Mogi das Cruzes
Educadora: Débora Ferraz

“TODO ANO EU TRABALHO O MEU AMBIENTE COM AS
MINHAS TURMAS. BUSCO DESPERTAR O OLHAR DELES
PARA O QUE TEM NO ENTORNO. QUE MATA É ESSA? O
QUE MAIS TEM AO REDOR DA ESCOLA? QUAIS CUIDADOS
PODEMOS TER COM OS ANIMAIS E COM A NATUREZA?
TENTO PASSAR ISSO PARA ELES. OS PAIS ATÉ FALAM:
‘AGORA ELE VÊ UMA FORMIGA E NÃO DEIXA MATAR’.”

Distante 12 quilômetros do centro de Taiacupeba, a Escola Municipal Sérgio Hugo Pinheiro tem **trilha sonora**. A Represa Taiacupeba banha a vizinhança e chama a **passarada** a cantar. As crianças escutam. A professora também.

Débora se lembra que, quando criança, seu avô caçava passarinhos para comer. José Cardoso dos Santos não caça mais faz muito tempo. Ele e seus amigos perceberam que os pássaros estavam diminuindo e que, se não parassem com a caça, eles poderiam acabar.



Não se sabe se foram as vozes que cantavam lá da represa ou se foi o jeito de a professora dar asas, mas quando Débora e seus alunos do Infantil 4 participaram do *Programa Meu Ambiente*, as crianças escolheram os **pássaros como tema** para pesquisar. A escolha se deu numa roda

Como objetivos, a professora tinha em mente

- Proporcionar observação e contato das crianças com as aves da Mata Atlântica
- Identificar e reconhecer algumas aves da Mata Atlântica
- Trabalhar a importância da conservação dos pássaros e, consequentemente, da floresta
- Perceber as relações entre floresta e aves (por exemplo, a dispersão de sementes)

de conversa em que Débora falou sobre a visita ao *Parque das Neblinas*, próximo à escola, nos municípios de Mogi das Cruzes e Bertioga. Descobriram, ali na prosa, que tanto o entorno da escola como o *Parque* estavam dentro de áreas de Mata Atlântica e fizeram uma **lista** de coisas que eles **imaginavam** que poderiam **ver na floresta**.

Na lista, estavam as aves que foram escolhidas em votação como tema preferido para estudo e aprofundamento. Débora voou por dentro.

A partir da escolha do tema, parecia que os **sentidos das crianças** foram **despertados** e a todo momento estavam **atentas ao canto, às cores, ao tamanho das aves** que observavam em casa ou no entorno da escola. As observações eram



valorizadas e compartilhadas em rodas de conversa. Sempre que encontravam uma pena, vinham correndo mostrar para a turma e a partir daí, **exploravam vários aspectos**: textura, cor, tamanho, elaborando uma hipótese sobre a espécie da ave.

Em sala de aula, diversas atividades antecederam a visita ao Parque. Em língua portuguesa, praticaram **leituras e a escrita**

dos nomes das aves com **letras móveis**. Em ciências, investigaram a vida e características dos pássaros, **compararam aves a outras classes de animais**, refletiram sobre as **relações entre aves e florestas**. Em artes, **desenharam e pintaram os alados**, carimbos dos pés das crianças se transformaram em pássaros artísticos e carimbos das mãos fizeram as vezes das folhas de uma grande árvore coletiva. Também o senhor

ALI NASCIAM CERTEZAS CAPAZES DE MUDAR O CONCEITO DE FAMÍLIAS INTEIRAS

“AS CRIANÇAS TIVERAM UMA VISÃO DIFERENTE DA FLORESTA. FOI MAIS DIFÍCIL VER E OUVIR OS PÁSSAROS, MAS A CHUVA TROUXE DIFERENTES AROMAS E SONS.”

José, que de caçador não tem mais nada, apareceu em vídeo para mostrar **diferentes apitos com pios de aves**.

Pelas pesquisas e observação constante, as diferentes características e cantos dos pássaros começaram a ser apreciados de forma intensa pelos alunos. Em uma roda de conversa, as crianças descobriram que o avô de um menino da turma tinha **pássaros em gaiola**.

As crianças ficaram desesperadas e queriam soltá-los. Débora trabalhou diversas questões com as crianças. Será que os **pássaros**



acostumados ao **cativeiro sobrevivem** quando **soltos** **repentinamente**? Será que eles sabem voar? Como eles conseguiriam a comida? O que vale mais: um pássaro preso ou um pássaro na árvore? A experiência foi forte para todos e ali nasciam certas capazes de **mudar o conceito** de famílias inteiras.

No dia especial da visita ao *Parque das Neblinas*, a mata não cantou muito pássaros. Ela estava ocupada cantando chuva. Mas a **chuva não é empecilho**, ela é parte da vida. E que parte mais linda! Então, a programação não mudou e todos seguiram com suas capas.

“As crianças tiveram uma **visão diferente da floresta**. Foi mais difícil ver e ouvir os pássaros, mas a chuva trouxe diferentes aromas e sons”, conta Débora.

Depois da visita ao Parque, as crianças

elaboraram um **painel coletivo** sobre os pássaros que habitam o *Parque* e usaram nele todas as cores que gostariam de ver nas aves da mata. O painel rendeu um gráfico de cores, feito com os potinhos de tinta, para mostrar qual tinha sido a cor mais querida da classe. Ali, trabalharam **conteúdos de matemática**, como a noção de quantidade, a composição e interpretação do gráfico.

Ao longo daquele ano, Débora construiu o blog.asasdamata.blogspot.com. Lá, registrou as atividades realizadas com a turma. No ano seguinte, a professora pôde participar do projeto com uma nova turma de crianças. E de tanto escutá-la falar sobre o *Meu Ambiente*, outros professores também participaram do *Programa* e puderam realizar atividades em conjunto na escola. “Fizemos uma **sala sensorial** para todas as crianças visitarem e poderem **sentir** um pouquinho da **floresta**: galhos, folhas, raízes suspensas, som ambiente, garoa feita com borrifador de água...” Com a participação dos alunos



e outros professores, elaboraram dentro da sala o **Jogo Trilha Gigante** e todos os alunos, vendados e descalços, puderam desvendar um pouquinho da floresta.

Hoje, a meninada já está mais crescida, mas Débora continua em contato com eles. E o assunto sempre volta...

— Como foi legal aquele dia, né professora? — Diz Davi quando passa pela Débora na escola. Entrar no rio limpo, o contato com a natureza, a gastronomia caprichada com sabores da floresta, silenciar no meio da trilha para escutar, apreciar, sentir a natureza de fora e a de dentro... experiências que não são esquecidas facilmente.



A COLETA INTENSA DE SEMENTES TINHA DE FRUTIFICAR

E A ESCOLA BROTOU

Escola Municipal Rural Eunice de
Almeida – Mogi das Cruzes
Educadora: Rosemeire Aparecida de
Sousa Cardoso

UM VIVEIRO PARA REFLORESTAR: “QUERÍAMOS TER
ALIMENTO PARA OS ANIMAIS E CONTAR COM ELES COMO
AJUDANTES NESSE REFLORESTAMENTO. OS PÁSSAROS, POR
EXEMPLO, AJUDARIAM A DISPERSAR SEMENTES.”

REFLORESTAR COM A AJUDA DOS PÁSSAROS TEM OUTRA GRAÇA

A **coleta** de **sementes** era **intensa**... um **viveiro** ia nascer. Tudo começou com uma conversa sobre a Mata Atlântica e a futura vivência na natureza. Além de participar do *Meu Ambiente*, Rosemeire fazia naquele ano um **curso** sobre **recursos hídricos** e, numa conversa com a classe multisseriada de 3º e 4º anos, chegaram à conclusão de que para se ter **água** é preciso ter **floresta**. Foi assim que a turma lançou a ideia: “vamos plantar árvores!” Só que ninguém tinha árvores. E agora?



A Escola Municipal Rural Eunice de Almeida fica no bairro São Sebastião e tem apenas duas classes de alunos. Por se tratar de um número pequeno de crianças, muitos projetos são feitos em parceria com as duas salas de aula. No ano em que Rosemeire participou do *Meu Ambiente*, a professora que dava aulas na outra turma da escola era a Vanessa Dias, que também já havia participado do *Meu Ambiente* com os alunos da Escola Municipal Luiz de Oliveira Machado. As duas professoras eram bastante parceiras no desejo de ver a escola brotar.

A partir da constatação de que precisavam de árvores, as crianças fizeram uma **pesquisa** sobre a **flora nativa** e, então, começou o movimento: crianças e comunidade escolar abriram os olhos para tudo o que era semente. Traziam sementes dos próprios quintais e dos caminhos por onde passavam, a professora fez parcerias com conhecidos e o Ecofuturo doou **sementes de**

palmeira-juçara. Com barbante e madeiras, as crianças delimitaram espaço e montaram um viveiro embaixo do pé de mimó (conhecido também como hibisco). Nome melhor de árvore para abrigar a sementeira não tinha.

O projeto do viveiro foi além daquele ano letivo. As mudas ganharam plaquinhas, identificando as espécies. Pitangas e palmeiras-juçara se desenvolviam bem. No decorrer do crescimento foi preciso **trocar** as mudas de **recipiente**. Juntaram sacos de arroz e fizeram os transplantes: um aluno maior junto com dois menores, do Infantil, faziam o transplante da muda. Depois de mais alguns meses, as plantas crescidas já tinham força para sair do viveiro e ganhar o mundo. Assim, os alunos **plantaram** as mudas nas **margens da represa**, perto da escola, fortalecendo a **mata ciliar**.

Rosemeire conta que o objetivo do viveiro era **reflorestar**. “Queríamos ter **alimento** para os **animais** e contar com eles como ajudantes nesse reflorestamento. Os



Vegetação de valor

A mata ciliar é a vegetação que se localiza nas proximidades de cursos d'água: rios, lagos, nascentes, represas e reservas hídricas. Ela contribui com a quantidade e a qualidade da água disponível. Ao reter sedimentos e poluentes, evita a poluição das águas. Protege também o solo da erosão, evitando o assoreamento.

TORTA DE ESPINAFRE: DA HORTA PARA A MESA!

Composteira: essa horta vai vingar!

Ao fazer o viveiro e plantar algumas mudas doadas, as crianças notaram que nem todas vingavam. Por que será? Conversaram sobre o enigma, pesquisaram tipos de solo, e chegaram à conclusão de que uma forma de enriquecer o solo para dar mais força às plantas seria fazer uma composteira. E assim foi!

A merendeira passou a separar restos de frutas, cascas de legumes e verduras e outras sobras da cozinha e as crianças pegavam essas sobras, picavam em pedaços menores e colocavam na composteira. Depois de um tempo, o material orgânico passou a ser usado numa horta, que rendeu alimentos para a merenda e também alimentos que foram usados em atividade culinária.

pássaros, por exemplo, ajudariam a dispersar sementes.”

Enquanto o viveiro crescia, muitas outras iniciativas vingavam:

- Aprofundamento sobre a Mata Atlântica e felinos na aula de ciências,
- Atividades de língua portuguesa com a temática dos animais da Mata Atlântica,
- Plantio de mudas doadas no terreno da escola,
- Elaboração de composteira,
- Cultivo de horta com mudas e composto orgânico doados pela comunidade,
- Aproveitamento das iguarias colhidas na horta em atividade de culinária: torta de espinafre e torta de escarola com frango!

E foi ao estudar em geografia os desafios do **lixo**, os **aterros**, e as formas corretas de **descarte** que as crianças tiveram a ideia de implementar a **separação de resíduos** na escola. Duas latas foram colocadas em cada sala de aula e, tratando-se de turmas multisseriadas, os alunos mais antigos ajudavam os mais novos no compromisso com

a separação, que foi se tornando algo bem natural entre eles. Como na área rural não há coleta seletiva, Rosemeire e Vanessa passaram a levar o **lixo reciclável** com o próprio carro até **Taiacupeba**, para uma família que separa e vende os materiais. A iniciativa permanece até hoje e as mudas plantadas na escola e arredores continuam chamando os pássaros para o trabalho de semear.

Objetivos

- Conhecer para preservar
- Explorar a Mata Atlântica e seus componentes: fauna, flora, rios e solo
- Apropriar-se do meio em que vive, percebendo-o como vital e de responsabilidade de todos
- Descobrir que pequenas ações fazem toda a diferença
- Tornar-se um cuidador do ambiente



“ENTENDEM-SE POR EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL AS AÇÕES E PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS À SENSIBILIZAÇÃO DA COLETIVIDADE SOBRE AS QUESTÕES AMBIENTAIS E À SUA ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NA DEFESA DA QUALIDADE DO MEIO AMBIENTE.”

Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)



COMO EXERCITAR A ESCUTA ATIVA A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO COTIDIANO?

MÚSICA DA NATUREZA

Escola Municipal Cecília de Souza
Lima Vianna – Mogi das Cruzes
Educadora: Solange Aparecida
Gonzales Bassini

“VI A OPORTUNIDADE DE FAZER UM TRABALHO QUE CONTEMPLASSE OS SONS DE UMA MANEIRA ALIADA À BELEZA, À EDUCAÇÃO, À PRESERVAÇÃO NOSSA E DO LUGAR, AOS COSTUMES. UM TRABALHO QUE PUDESSE LIGAR A FORMAÇÃO DELES À COMUNIDADE EM QUE MORAM.”

Que **música a natureza canta** aí na sua casa? E na sua escola? Partindo desses sons, a arte-educadora Solange conversou com as turmas do 1º ao 5º ano, nas quais leciona artes visuais e coral. A ideia era que as duas aulas semanais em cada turma pudessem fazer **coro** com as **vozes da natureza**.

“Vi a oportunidade de fazer um trabalho que contemplasse os **sons** de uma maneira aliada à **beleza**, à **educação**, à **preservação** nossa e do lugar, aos **costumes**. Um trabalho que pudesse ligar a formação deles à comunidade em que moram”, conta Solange. Nas aulas de **artes**, a professora propôs **deseñhos** com a temática **pássaros**. “Alguns alunos **pesquisaram** sobre as **espécies**, mas tínhamos



um grupo de tucanos que era mais frequente na escola.” A figura dos **tucanos** se fez, então, bastante presente e cada grupo foi escolhendo uma **técnica: desenho, tinta ou bordado**. Os pais contribuíram com materiais e assim seguiram, **uns ajudando os outros** na elaboração dos pássaros.

Na aula de **coral**, todos começaram a **exercitar a escuta ativa**: que sons fazem parte do nosso cotidiano? Na EM Cecília de Souza Lima Vianna tem uma amoreira, que vive chamando os passarinhos. Assim, tucano, pica-pau e sabiá-laranjeira foram incluídos nas aulas.

Depois de exercitarem a escuta ativa, passaram a **outras explorações sonoras**: expressão corporal e rítmica livre, experimentação de sons com o próprio corpo e boca, criação de paisagem sonora usando materiais

diversos: elementos da natureza como sementes e conchas, papéis de vários tipos, chaves, chocalhos, tubos de conduíte, chapas de raio X e outros.

Com as experimentações e os sentidos afinados, professora e alunos elegeram a música *Passaredo*, de Chico Buarque, para trabalharem com maior profundidade. Usando a **música como tema**, colocaram a criatividade para funcionar, **ampliaram conhecimentos e habilidades artísticas**. O objetivo era apresentar o trabalho na Semana Cultural, evento anual que envolve a escola inteira.

O fechamento das atividades do ano ocorreu na Semana Cultural, conforme planejado. Todos os alunos da escola e os pais vieram apreciar a exposição. Lá, foi montado um **varal** com os trabalhos de **desenho, pintura e bordado**. E a música *Passaredo* ganhou novos acordes e cores com a meninada do coral. **Coreografia, figurino e maquiagem** misturaram **elementos da flora e dos alados**. A música fez tanto sucesso que foi também apresentada na Escola

“A MÚSICA É, EM PRIMEIRO LUGAR, UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ALARGAMENTO DA CONSCIÊNCIA E PARA A MODIFICAÇÃO DO HOMEM E DA SOCIEDADE.”

Hans-Joachim Koellreutter

Unir música e meio ambiente

- Apreciar sons do ambiente e anotar: barulhos, sons musicais, sons da natureza, a respiração, as vozes, o som da mordida na maçã
- Escutar os sons dos pássaros e reconhecer os pios da região
- Brincar de imitar os sons dos pássaros, o som do vento
- Criar paisagem sonora usando o próprio corpo e materiais ao redor
- Descobrir músicas que falam sobre a natureza, pesquisar fauna e flora que aparecem nas músicas, tocar, encenar e cantar

DESCOBRIR A FAUNA E A FLORA POVOANDO AS MÚSICAS QUE AMAMOS

“GOSTO DE TRABALHAR COM A BELEZA DAS FORMAS E DOS SONS, DOS RITMOS SONOROS QUE TEMOS NO CANTO DOS PÁSSAROS, SUAS CORES E VARIEDADES.”

Ambiental de Mogi das Cruzes, em uma palestra para diretores de escolas da rede municipal. “Às vezes, penso que o trabalho não está pronto, não está perfeito, mas quando acontece uma apresentação é uma surpresa para os expectadores. Acho que é isso: a beleza das crianças e da natureza é sempre inesperada”, conta Solange.



Atividades com a música Passaredo

- Elaboração de arranjo musical, com uso do pau de chuva, tambor, chocalhos, pios e outros
- Pesquisa sobre os pássaros que fazem parte da letra da música
- Criação de movimentos coreográficos e expressão corporal para a canção
- Elaboração de figurinos e maquiagem

APRECIAR O SOM DA MORDIDA NA MAÇÃ

“Some, coleiro
Anda, trigueiro
Te esconde, colibri
Voa, macuco
Voa, viúva
Utiriti

Bico calado
Toma cuidado
Que o homem vem aí”

Chico Buarque, Passaredo

“TODOS OS TRABALHOS QUE REALIZO COM ESTAS CRIANÇAS ME DEIXAM FELIZ PORQUE PENSO NA BELEZA, NA LEVEZA, NA HARMONIA DO CONJUNTO, NA COMPLEXIDADE. A COLABORAÇÃO DE CADA UM, A DOAÇÃO DE CADA ELEMENTO DO GRUPO, CADA SOM DE PÁSSARO, CADA VOZ, CADA PESSOA.”

E, assim, o dia de vivência na floresta trouxe **belezas inesperadas** também: a paisagem de **cores vivas**, a **água limpa** do rio, a **vegetação abundante**, uma ponte sobre o rio, a **caminhada de observação** e o almoço com **alimentos da região**. “Precisamos de **momentos de contemplação**, pois é um enriquecimento espiritual ouvir, ver a água, as plantas, o equilíbrio

que existe na natureza e a beleza de cada ser, cada inseto, a teia molhada com gotículas”, diz Solange. “Vemos e tentamos chamar a atenção para que outros também vejam e cuidem e respeitem uns aos outros e à natureza.” Assim, quem sabe um dia, a música Passaredo não precise mais alertar os pássaros sobre a chegada do homem.



PESQUISAS DE CAMPO E EXPLORAÇÃO DE ESPAÇOS: CERTEZA DE NOVAS DESCOBERTAS

BRINCAR COM TERRA

Escola Municipal Luiz de Oliveira
Machado – Mogi das Cruzes
Educadora: Vanessa Adelina Dias

“NÓS FAZEMOS PARTE DO MEIO AMBIENTE. TUDO O QUE ESTÁ FORA REFLETE DENTRO DE NÓS. A ÁGUA QUE ESTÁ FORA TAMBÉM ESTÁ DENTRO DO NOSSO CORPO. ENTÃO, CUIDARMOS DA ÁGUA QUE ESTÁ FORA INTERFERE DIRETAMENTE NAS NOSSAS VIDAS. E O SOLO? QUANTO DO SOLO TAMBÉM TEM NO NOSSO CORPO? QUANDO FAZEMOS UM EXAME DE SANGUE, VEMOS FERRO, CÁLCIO... UM MONTE DE MINERAIS. O SER HUMANO NÃO ESTÁ DESCONECTADO DO MEIO AMBIENTE.”

Fazer **arte com tinta ou massinha** é uma festa. E pensar na segurança dos materiais usados em sala de aula é tarefa constante na Educação Infantil. A tinta não pode ir para os olhos e a massinha, com cheiro gostoso, não pode ir para a boca. Vanessa sempre havia conversado com as crianças sobre essas regras e chegou a mostrar um vídeo explicativo sobre a tinta com seus elementos químicos e os cuidados necessários durante o uso.

No ano em que participou do *Meu Ambiente*, a professora estava com uma classe multiseriada de Infantil, com crianças de 4 e 5 anos, e teve vontade de **explorar a terra** como matéria natural para **criar tinta**, elemento que as crianças tanto gostam.

“Trabalhar numa área rural é um privilégio



“A Apreciação da Paisagem Sonora, do Cheiro, do Gosto gera uma transformação dentro da gente.”

muito grande”, conta Vanessa. Todos os dias ela se desloca por 30 minutos até o bairro Barroso, em Mogi das Cruzes, onde leciona em duas escolas. Uma delas é a Escola Municipal Luiz de Oliveira Machado, onde é professora na Educação Infantil. A escola fica do lado de um bosque e pelo alambrado do pátio dá para ver a área verde.

Para criar a tinta natural, Vanessa despertou o interesse das crianças, convidando-as a **observar** os **diferentes tipos de**

terra encontrados ao redor da escola. Exploraram vários espaços: o pátio, o parquinho, o bosque. Nas pesquisas de campo, **descobriram diferenças**: havia a terra seca e soltinha que ficava embaixo do gira-gira, e a terra úmida e escura que ficava embaixo das árvores do bosque. Botaram as mãos nas terras e brincaram, sentindo texturas, temperaturas, umidade



Tintas naturais

Partindo do apreço das crianças pelas tintas, Vanessa criou tintas naturais com a turma do Infantil 3 e 4, passando por diversas etapas

- Explorar os diferentes tipos de terra encontrados ao redor da escola: observar, tocar e brincar com a terra
- Roda de conversa sobre as diferenças: terra sequinha e solta x terra úmida e cheia de nutrientes
- Coletar amostras de diferentes terras
- Criar tintas com as diferentes amostras
- Pintura em cartolina ao ar livre com as tintas elaboradas

Dica: Apostila Intuitiva de Pigmentos Naturais, de Jhon Bermond

e cores. Descobriram uma parte de chão, em que a terra se misturava a pedrinhas. Conversaram sobre a terra do bosque, que tinha a **serrapilheira**, rica em matéria orgânica e nutrientes.

Depois dessas primeiras experimentações, **coletaram amostras** das diferentes terras e **elaboraram tintas** que se **transformaram em arte**.

Na área externa da escola, embaixo das árvores, usaram as tintas naturais para fazer pinturas na cartolina. O experimento não parou por aí. Durante a vivência na natureza (ou) visita à floresta, coletaram amostras de diferentes tipos de solo: terra rica em compostos orgânicos na trilha, solo arenoso na margem do rio, pedras de diferentes formatos dentro do rio e terra



seca avermelhada no barranco. De volta à escola, **exploraram as texturas** e **fizeram novas tintas**.

A experiência levou a uma nova pergunta: que outros elementos naturais poderiam virar tinta? Pesquisaram sobre **pigmentos naturais** e fizeram tintas com **beterraba, açafrão e couve**. Quantas cores

da natureza! Assim, as tintas abriram caminho para novas pesquisas, como aconteceu com a massinha industrializada, outro elemento muito apreciado no cotidiano dos pequenos. Do que é feita a massinha? **Existe alguma massinha natural?** Chegaram, assim, à **argila** e, com as mãos na massa, modelaram e depois pintaram as obras de arte com as tintas naturais.

"FOMOS, DURANTE MUITO TEMPO, EMBALADOS COM A HISTÓRIA DE QUE SOMOS A HUMANIDADE E NOS ALIENAMOS DESSE ORGANISMO DE QUE SOMOS PARTE, A TERRA, PASSANDO A PENSAR QUE ELE É UMA COISA E NÓS, OUTRA: A TERRA E A HUMANIDADE. EU NÃO PERCEBO QUE EXISTA ALGO QUE NÃO SEJA NATUREZA. TUDO É NATUREZA. O COSMOS É NATUREZA."

Ailton Krenak

Vanessa conta que antes do *Meu Ambiente* trabalhava as questões naturais do lado de dentro da sala de aula: apresentava vídeos, trazia materiais impressos, buscava nas apostilas. "Eu podia explorar o ambiente ao redor, mas eu estava presa dentro da sala. Eu não tinha esse olhar despertado", diz. Agora, o **ambiente natural transformou-se em espaço educador** e Vanessa não perde uma chance de olhar a vida acontecendo ao vivo e de colocar a mão na massa. A meninada segue junto, feliz, a tatear novidades.

Vamos brincar com terra?

"Brincar com terra é uma experiência fundamental para que a alma se recorde de quem somos: Terra. Para que resgatem nossa identidade e tenhamos uma compreensão profunda da nossa existência. Já pensou na origem da palavra humano? Ela vem de humus, terra fértil. É o que somos. Brincar com a natureza, brincar com a terra é uma experiência fundamental para que o humano se expresse verdadeiramente por meio de nós. Privar as crianças do contato com a terra é bloquear a expressão de sua essência, é romper os vínculos com sua ancestralidade."

Ana Carolina Thomé e Rita Mendonça,
Blog Ser Criança é Natural



DEIXAR VOAR É UMA ARTE

PLANTAR TRANSFORMAÇÕES

Escola Municipal Professora Edna Leite
Lima – Suzano
Educadoras: Kerollen Fernandes Martins e
Milena de Jesus Ribeiro

“NORMALMENTE, ENQUANTO PROFESSORES,
FOCAMOS NAS ATIVIDADES E NOS CONTEÚDOS.
HOJE, PERCEBO O TERRITÓRIO E A NATUREZA COMO
POTÊNCIAS EDUCADORAS, O QUE TORNA MAIS
SIGNIFICATIVA E PRAZEROSA A APRENDIZAGEM PARA
AS CRIANÇAS E PARA NÓS MESMOS.”

Kerollen Fernandes Martins

A horta plantada pelas crianças no terreno da escola tornou-se espaço de **observação intensa**. Cada classe tinha seu dia de cuidados. Quando iam regar, levavam junto um saco para recolher lixos que aparecessem pelo caminho. Nos **finais de semana**, um **vizinho** da escola **ajudava a aguar**. O jeitão escabelado da rúcula, o rabanete que crescia para baixo, algumas mudas que não vingavam... tudo era percebido e era motivo de levantamento de hipóteses e prosa. E os **insetos visitantes**? Ah, os insetos! Entre eles, havia um que era o queridinho das crianças: a **joaninha**!

Um dia ela pousou na mão de uma aluna e a meninada toda queria decifrar os mistérios do bichinho. Foi partindo desse interesse que Kerollen e Milena, professoras de duas turmas do 1º ano,



trouxeram o **tema** joaninha para o **centro das atividades** desenvolvidas. Em parceria com a gestão escolar, providenciaram para a escola dois **kits** com larvas de joaninhas vermelhas de verdade para serem observadas, criadas, e depois soltas na natureza. O **kit** tinha um habitáculo de criação, uma lupa, um jogo de perguntas e respostas e comida específica para as joaninhas.

Diversas **atividades** com a temática da joaninha entraram em cena. Nas aulas de música e língua portuguesa, joaninhas apareceram em **letras de música, poemas** e na **leitura de livros** como *A joaninha que perdeu as pintinhas*, de Ducarmo Paes.

Para o trabalho com o **kit**, professoras e crianças elaboraram um **calendário de registro do ciclo de vida** da joaninha, que **uniu matemática, ciências e língua**

portuguesa num trabalho **transversal**. Com a canetinha, as crianças registravam todos os dias no calendário quantas joaninhas estavam em cada estágio: ovo, larva, pupa e adulto.

Assim, puderam verificar quantos dias levava cada estágio. Perceberam, ainda, que havia uma **variação entre as joaninhas**, elas mudavam de ciclo em dias diferentes. **Cada uma no seu tempo**. Lidaram com o fato de que **algumas morreram** sem completar os ciclos todos. Quando alguma



criança chacoalhava a casa das joaninhas, as outras intervinham, pedindo mais cuidado. A escola toda estava envolvida no projeto e no **aprendizado da vida**.

Cada joaninha que se tornava adulta era solta pelas crianças na horta: deixar voar era uma arte. E soltar as joaninhas na horta fazia todo o sentido porque elas tinham um papel fundamental: comer os pulgões. Saber que as joaninhas viveriam cerca de seis meses após chegarem à fase adulta também foi uma descoberta importante. Quanto dura seis meses?

Enquanto as joaninhas evoluíam, as crianças observaram também outros bichos que apareciam na horta, como as **minhocas**. Em ciências, estudaram o ciclo de vida de diversos deles. Ao pesquisarem nos livros, os **ovos dos sapos** foram os que fizeram mais sucesso.

"INFELIZMENTE AINDA HÁ A VISÃO DE QUE OS ALUNOS NÃO PODEM SE SUJAR OU TER UM CONTATO DIRETO COM A NATUREZA E NÓS, PROFESSORES, REPRODUZIMOS ESSES HÁBITOS. O MEU AMBIENTE CONTRIBUIU MUITO PARA A MINHA FORMA DE TRABALHAR COM RECURSOS NATURAIS."

Milena de Jesus Ribeiro

Também a alface, a rúcula e o rabanete cresciam. E a partir das **observações** sobre questões concretas, nasciam **novas pesquisas**. Notaram, por exemplo, o crescimento do rabanete: ele crescia para baixo, dentro da terra! Observação que intrigou algumas crianças e levou a turma a pesquisar o assunto. E não é que o rabanete apareceu, inclusive, numa encenação do corpo docente de boas-vindas aos alunos na volta das férias? A história encenada foi *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky. As crianças se envolveram e ajudaram a puxar o rabanete imaginário gigante das profundezas do palco escolar.

"Não éramos nós que levávamos os temas, eram as crianças que traziam. Um dia viram no **jornal** sobre a **queimada na Amazônia**", conta Kerollen. A conversa sobre o **assunto virou pesquisa**, ocupou

aulas e **gerou uma maquete**, em que as crianças **mapearam** os locais **queimados** e as áreas **preservadas** da floresta.

"Um dia cheguei cedo na escola e a merendeira comentou: você sabia que isso é um ipê?", conta Milena. Como estavam trabalhando a Mata Atlântica e aquela árvore fazia parte do cotidiano das crianças, incluiu uma pesquisa sobre os diferentes **tipos de ipê e suas cores**. Depois, as crianças fizeram desenhos e pinturas na aula de artes.

Assim, a horta foi crescendo junto com as crianças e seus ipês, numa jornada que desenvolveu os **conteúdos de forma transversal**, com muito significado e voo.

Junto com o crescimento das crianças, crescia também o **sentimento de pertencimento**. A participação no *Programa Meu Ambiente* não ficou restrita às duas educadoras e seus alunos. Houve grande **envolvimento da comunidade**. Partindo da observação do entorno da escola durante caminhadas, as crianças traziam curiosidades sobre insetos e bichos, mas também indignação. Cintia Patrício Olímpio Souza, diretora da escola naquele ano, conta que um aspecto que chamou muita atenção de todos foi a quantidade de **lixo** encontrada, principalmente num **terreno baldio**.

A **questão** foi **compartilhada** com os **pais**, e as **professoras** escutaram a **comunidade**. Uma associação de bairro já lutava para que fosse feita a limpeza do terreno. Ao levarem juntos a demanda para a Prefeitura, conseguiram que o **lixo** fosse **retirado**. Muitos caminhões de lixo foram embora. Junto a uma ONG, Cintia conseguiu a **doação de mudas** da Mata Atlântica para plantarem no terreno. Comunidade e vizinhos se ocuparam do **plantio e cuidados** e as crianças acompanhavam e ajudavam a regar as mudas. Uma ação puxava a outra.

Dessas experiências, surgiam **novas pesquisas** sobre as plantas, sobre o descarte do lixo, sobre seres vivos e tantas outras vivências significativas. "Não foi difícil articular um plano de ação porque um **lugar** que é **cuidado** dificilmente será desrespeitado. Se



"É PEQUENO, É SINGELO, É SIMPLES, MAS FOI MUITO EFICAZ. É DISSO QUE O MUNDO PRECISA, DESSE OLHAR, DESSA SENSIBILIDADE DE SE DISPOR A SERVIR PARA QUE A GENTE TRANSFORME O QUE PRECISA SER TRANSFORMADO."

Cintia Souza

tem alguém cuidando, o **olhar da comunidade e de todos é outro**", afirma Cintia. Enquanto as mudas, ainda pequenas, eram adotadas por todos e cresciam, as **crianças plantaram girassóis** para enfeitar o espaço mais rápido. Depois, a **Prefeitura** fez a **calçada** ao redor do terreno. As plantas continuam sendo cuidadas ainda hoje! Ninguém tem coragem e nem vontade de jogar lixo lá, não. O terreno tem cor e cheiro de flor.



PERCEBER A IMPORTÂNCIA DAS ÁRVORES PARA A ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS DESPERTOU UM DESEJO

VAI DAR FRUTA NESSA ESCOLA

Escola Municipal Engenheiro Isaías
Martinelli Gama – Suzano
Educadora: Michelle Nunes
Duraes Nogueira

“EU SEMPRE FUI MUITO LIGADA AO MEIO AMBIENTE, MAS EU NÃO DEIXAVA AS CRIANÇAS SE SUJAREM. A PARTIR DESSE PROJETO PASSEI A TER UM OLHAR MAIS LEVE. A CRIANÇA É PARTE DA NATUREZA, ENTÃO ELA PODE BRINCAR, SIM. ELA PODE E ELA TEM QUE SE SUJAR. ENTÃO ACHO QUE ESSE FOI O GRANDE MARCO QUE DIVIDIU A MINHA CARREIRA. ANTES E DEPOIS DO PROJETO.”

Michelle convidou as crianças do 1º ano a fazerem um **passeio** pelo **bairro** para reconhecimento do entorno. A Escola Municipal Engenheiro Isaías Martinelli Gama, em Suzano, fica em região rica de Mata Atlântica e próxima à represa Taiacupeba. “O passeio **impactou as crianças**. Eles observaram tanto a reserva de Mata Atlântica quanto a represa. Mas, viram também que tinha **muito lixo e árvores cortadas**”, conta a professora.

Numa **roda de conversa**, trocando impressões sobre o que tinham visto e sentido, Michelle deu autonomia para as **crianças decidirem** que **tema** seria aprofundado e notou o grande interesse pelas **aves**, que frequentam em abundância a represa Taiacupeba. A professora usou a **Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)**, que prioriza as **vivências práticas**, levando a maior participação dos alunos durante o processo de aprendizado. Todos estavam muito interessados em estudar as diferentes aves, seus hábitos e o seu canto.



Michelle levou para os alunos **áudios** do **canto das aves** e, com o tempo, eles escutavam a passarinhada cantando pela escola e já sabiam identificar qual era a espécie.

— Olha professora, é um sabiá!

No dia da vivência na natureza, visitaram uma floresta e fizeram diversas atividades. Ao verem as **palmeiras-juçara** e o **cambuci** na trilha, as crianças perceberam a **importância das árvores** como fonte de **alimento** para os **animais** e decidiram: queriam ter mais **frutíferas na escola**! O objetivo? Atrair os alados!

“FUI CRIADA NUMA CHÁCARA, BRINCAVA NA TERRA, SUBIA EM ÁRVORE, TOMAVA BANHO EM RIO, ROLAVA EM BARRANCOS... BRINCAVA COM ELEMENTOS NATURAIS.”

Ganharam mudas do *Programa Meu Ambiente* e **plantaram** dentro do **terreno da escola**. “A escola tem bastante espaço, não pode construir no terreno inteiro porque fica em área de preservação ambiental e de proteção de mananciais”, conta Michelle. As árvores, plantadas em 2018, estão firmes e fortes, crescendo junto com as crianças. Mas outras ideias ainda iriam frutificar por ali...

Depois da participação do *Meu Ambiente*, Michelle mudou algumas percepções. “Descobri que a criança só vai cuidar daquilo que ama, e ela só vai amar a natureza se ela se sentir parte.” Antes, a professora não deixava as crianças se sujarem de terra e não incentivava brincadeiras com recursos naturais. “Hoje, faço

CONHECER O ENTORNO DA ESCOLA IMPACTOU AS CRIANÇAS

Contágio do bem

O entusiasmo de Michelle ao participar do *Meu Ambiente* foi transformador. Sua construção coletiva com os alunos e comunidade escolar teve poder multiplicador. Não apenas os alunos participaram do Programa, mas os colegas também se sentiram convidados e sensibilizados. No ano seguinte, fizeram questão de ingressar no Programa, dando origem ao projeto Cuidando do que é nosso. “Foi contagiante! Em 2018 participei do Programa e em 2019 todo mundo da escola foi participar. Abraçamos a ideia e pensamos juntos o que podíamos fazer para melhorar a nossa escola. Foi encantador”, conta a educadora.



“A POSSIBILIDADE DE MEXER NA TERRA, COLHER GRAVETOS E DE SE SUJAR FOI LIBERTADOR, VOCÊ VIA A ALEGRIA E EMPOLGAÇÃO NOS OLHINHOS DELES. EU SENTI QUE AQUILO CONECTOU AS CRIANÇAS COM A NATUREZA, TROUXE ALEGRIA. É ISSO MESMO, VOCÊ SÓ VAI CUIDAR DAQUILO QUE VOCÊ AMA.”

mais atividades ao ar livre, dando tempo no final para as crianças explorarem o ambiente e brincarem com o que quiserem”, conta.

No ano seguinte à participação no *Meu Ambiente*, a vivência na floresta continuava viva dentro das crianças e da professora. Mesmo sem participar oficialmente do projeto naquele ano, Michelle usou a mesma metodologia e conseguiu propiciar

PALMEIRA-JUÇARA E CAMBUÇI, CHAMA UM PASSARINHO AQUI!



às crianças **novamente** uma **vivência marcante na natureza**. Escolheu um parque com entrada gratuita e com monitores. E lá seguiu a turma do 2º ano.

Mais do que as frutas que serão colhidas um dia no terreno da escola, já frutificou um novo olhar nas crianças e comunidade escolar. Várias mudanças foram implementadas na escola em 2019 com o projeto *Cuidando do que é nosso*.

MAIS DO QUE AS FRUTAS QUE UM DIA SERÃO COLHIDAS, JÁ FRUTIFICOU UM NOVO OLHAR

Interdisciplinaridade: o voo permeando os estudos

- tema aves apareceu em atividades de diversas disciplinas:
- Em ciências: as diferenças entre os pássaros, seu habitat natural, a coloração das penas e o canto. Debates sobre o contrabando de aves e seu aprisionamento em gaiolas
- Em língua portuguesa: cartaz com fotos das aves da região e seus nomes. Registro diário das descobertas sobre as aves. Cada dia uma criança tomava a frente da função. Todos tiveram seu dia de escriba

Artes e natureza

Uma das atividades feitas na aula de artes foi a composição de paisagens com a colagem de elementos naturais. A natureza descartou? Então podemos usar esse presente!

- Coleta de gravetos, pedras, sementes, flores caídas
- Objetivo: despertar a criatividade e liberdade de expressão
- Interdisciplinaridade: os elementos trazidos não serviam só para a atividade artística, mas eram apreciados coletivamente. Folha, galho, flor? Qual a sua importância na natureza? Ciências sempre a postos



“É UMA HISTÓRIA BEM BONITA DE IMAGINAR QUE ACONTECEU”

MANIFESTANTES DA POESIA

Escola Municipal Ângela Martins de
Oliveira – Suzano
Educadora: Patrícia Árias

“SAÍMOS COMPLETOS DE UMA MARATONA DE PROJETOS E DE REALIZAÇÕES MESMO. FAZIA TEMPO QUE EU NÃO VIA CRIANÇAS ASSIM FELIZES POR TEREM REALIZADO COISAS COM AS PRÓPRIAS MÃOS E SONHADO COISAS DIFERENTES. DESCULPA, ESTOU CHORANDO. É UMA HISTÓRIA BEM BONITA DE IMAGINAR QUE ACONTECEU.”

Patrícia sentia já desde um tempo a prática pedagógica um tanto acostuada. Pensava em mudar de área: quem sabe a contabilidade? Ela sentia algumas carências em relação aos materiais escolares disponíveis, pouco engajamento dos alunos e suas famílias. Já tinha em seu cotidiano o hábito de **chamar as crianças para o contato com a natureza**, era um privilégio tê-la tão perto da escola, mas nunca tinha experimentado a natureza com a ênfase e amplitude que viria a fazer.

Começou com seus alunos a leitura da história *Lúcia já vou indo*, de Maria Heloísa Penteado. Quando iniciou sua participação no *Meu Ambiente* notou que o livro induzia as crianças à tomada de consciência sobre o próprio ambiente e o próprio corpo. Na história, a lagarta Lúcia tinha dificuldade em chegar a sua festa. Então, durante a **roda de leitura** as crianças decidiram que iriam ajudá-la e sentiram a necessidade de materializar isso em uma encenação. Na preparação da peça, trabalharam a **escrita coletiva**, pesquisaram

“NA ESCOLA PÚBLICA A GENTE LIDA, ÀS VEZES, COM A FALTA. MAS COM O PROJETO EU DESCOBRI QUE NÃO É FALTA PORQUE A NOSSA ESCOLA É LOCALIZADA EM AMBIENTE RURAL. ENTÃO, A GENTE TEM NO ENTORNO TUCANOS, PAPAGAIOS, GAMBÁS. LIDAMOS COM UMA NATUREZA MUITO DIVERSA NUM ESPAÇO DE CIDADE. EU PUDE MOSTRAR PARA AS CRIANÇAS QUE AS COISAS ESTAVAM NAS NOSSAS MÃOS, QUE O FAZER NÃO PRECISA SER SÓ TECNOLÓGICO. A GENTE FALA DE UMA FALTA QUE ÀS VEZES REPRESENTA O QUE VEM SENDO IMPOSTO. E A GENTE TEM QUE RETORNAR PARA UM FAZER MAIS PRIMITIVO. EXISTE UM EXCESSO DA FOLHA, DO PAPEL, DA XEROX E DO PADRÃO. E ESSAS COISAS ACABAM VIRANDO QUANTIDADE E NÃO QUALIDADE DE TRABALHO.”

sobre os insetos e pararam para escutar o colega. Ao **exercitar a escuta** descobriram outros sons: os pássaros, a batida do

próprio coração – cadência que surpreendeu algumas das crianças.

O movimento foi se expandindo. Com o objetivo principal de introduzir na rotina dos alunos **conteúdos socioambientais**, Patrícia buscou aguçar a curiosidade das crianças. Semanalmente a turma exercitava a escuta e o olhar no pátio externo da escola. Buscavam conhecer as **espécies da flora e da fauna** ao redor. Também assistiram a **vídeos sobre a Mata Atlântica**, bioma onde estão inseridos, e **vídeos sobre o Parque das Neblinas** como preparo para a visita futura.

Assim, escolheram a Mata Atlântica como tema para ser explorado. Para estudar o meio, as crianças perceberam na prática que precisavam **mudar o próprio comportamento**. “Lembro do dia em que ouvimos um canto diferente. Fomos andando até o pátio externo, mas uma criança que estava no banheiro veio

Despertar a curiosidade

- Caminhada com propósito
- Observação da fauna e flora
- Aguçar a escuta
- Vídeos sobre o bioma



correndo e gritando e espantou o pássaro. Era um tucano! As crianças ficaram bravas com o colega e entenderam na prática o exercício de observar”, conta Patrícia.

Esse movimento de observação foi crescendo e ultrapassou os muros da escola. Todos os dias, as crianças chegavam com novidades sobre sons de bichos, novas plantas e até a descoberta da Lua no céu matinal. Partindo das **observações das crianças**, a educadora introduzia **reflexões sobre questões ambientais**. Para **registrar as descobertas**, os alunos escolheram fazer um “Diário do Mata Atlântica”, contando com a ajuda dos pais e familiares. “O essencial dessa pesquisa era **interagir com as famílias**, mostrando

Registro das descobertas

- Diário da Mata Atlântica
- Apoio dos pais e familiares
- Leituras coletivas
- Diálogos e reflexões

a importância da Mata Atlântica para a nossa região”, conta Patrícia.

Algumas crianças escreveram sobre a fauna no Diário, outros escolheram a flora. Na sala de aula, **compartilhavam** as leituras e **dialogavam** sobre as descobertas. Para integrar a realização do projeto aos conteúdos das disciplinas, Patrícia associou o tema aos **gêneros textuais**, como texto informativo, bilhete, texto instrucional, cartaz, poema. As crianças praticaram também a escrita coletiva. Durante as práticas de observação na área externa registraram em cartazes a lista de animais vistos ou pesquisados e as novidades de observação do dia.

Numa roda de leitura Patrícia apresentou às crianças o texto *Dez Direitos Naturais das Crianças*, trazido pelo escritor Rubem Alves de um congresso, e compartilhado pelo *Meu Ambiente* com os professores. Entre o direito de sujar-se,

brincando com a terra, a areia, a água, a lama, as pedras, e o direito de sentir os gostos e os perfumes oferecidos pela natureza, foi lido também o *direito à natureza selvagem: Toda criança tem o direito de construir uma cabana nos bosques, de ter um arbusto onde se esconder e árvores nas quais subir.*

Após a leitura, a roda se envolveu numa conversa acalorada, em que as crianças falaram com liberdade se eram ou não contempladas naqueles direitos. Alguns expressaram que não podiam brincar no quintal porque os pais tinham medo que se machucassem, outros tinham receio de brincar e se sujar porque a mãe não gostava. Surgiu entre as crianças a ideia de apresentar o texto aos outros alunos da escola.

Produziram cartazes, ilustrando cada direito natural e relacionaram o movimento que faziam internamente ao movimento de protestos que já tinham visto nas ruas.

“EU VINHA DE UM PROCESSO MUITO DIFÍCIL DE COMEÇAR A OLHAR PARA A EDUCAÇÃO E ME PERGUNTAR: O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI? ESSE PROJETO VEIO PARA ME DESPERTAR DE NOVO COMO PROFESSORA.”

NINGUÉM FALTOU ÀS AULAS. TODOS QUERIAM CONVERSAR SOBRE A EXPERIÊNCIA

Para eles era importante registrar de forma correta e coerente porque aqueles materiais eram produções de autoria deles que seriam compartilhados com a comunidade escolar. Treinaram a **leitura em voz alta e a entonação**. Fixaram os direitos pela escola para chamar a atenção dos funcionários, pais e crianças. No dia da apresentação, os alunos entregaram **panfletos** com os direitos impressos. Enquanto um colega lia determinado direito, outro erguia o cartaz. Assim se fez uma **mobilização para conscientizar a comunidade escolar** sobre o uso dos espaços compartilhados com todos os benefícios naturais.

Com grande entusiasmo de todos chegou o dia da **visita ao Parque das Neblinas**. Lá, a oportunidade de experimentar coisas novas **ampliou os conhecimentos** da Mata Atlântica: a trilha, a cachoeira, observar a pegada da onça, a alimentação com a preocupação gastronômica. Após a visita,

“EU SEI QUE NO FINAL DO ANO ESSAS CRIANÇAS SAÍRAM MUITO EMOCIONADAS E EU TAMBÉM. A GENTE SE DESPEDIU COM VONTADE DE VOLTAR LOGO, SABE?”

ninguém faltou às aulas. Todos queriam conversar sobre a experiência.

Educadora e alunos passaram a ser **protagonistas da própria história**: se apropriaram dos espaços da escola, compreenderam melhor o próprio bioma, experimentaram a escuta, a observação e a comunicação de formas novas. O processo de **aprendizagem** aconteceu repleto de **significado**. Patrícia considera que o processo ativou **energias positivas** nas crianças. “Eu posso dizer que o projeto colaborou com o crescimento delas? Sim. Mas, em primeiro lugar ele trouxe uma luz que eu precisava para transformar a minha prática de ensino.”



OLHAR A NASCENTE DO RIO E NASCER MARAVILHAMENTO

NASCENTE DE IDEIAS

Escola Municipal Engenheiro Isaías
Martinelli Gama – Suzano
Educador: Randal de Souza Alves

“QUANDO COMECETI A ADENTRAR NAQUELA MATA E, AO MEU REDOR, SÓ ENXERGAVA ÁRVORES E OUVIA OS CANTOS DOS PÁSSAROS E O BARULHO DA ÁGUA, JÁ FUI FICANDO TOTALMENTE INSTIGADO E ANSIOSO E, AO MESMO TEMPO, MARAVILHADO COM TANTA RIQUEZA QUE A NATUREZA NOS PROPORCIONA.”

CONHECER A FAMÍLIA DAS MIRTÁCEAS E SABOREAR O SUCO FRESQUINHO DO CAMBUCI

Nas margens do **Rio Una** se reuniram alunos e professor. O rio **passa dentro do terreno da** Escola Municipal Engenheiro Isaías Martinelli Gama e é testemunha de muita prosa. O espaço ao ar livre é inspirador e ao iniciar a conversa com a classe, Randal perguntou:

— **O que é meio ambiente?**

— É tudo isso que está em volta, as árvores, o Sol, as nuvens, inclusive os passarinhos que estão cantando. Que maravilha, né professor? – Respondeu uma aluna.

Foi junto com o maravilhamento da turma que Randal caminhou até uma das **nascentes do rio**, ainda dentro da escola.

— Professor, está saindo água daquele buraco!

Com essa frase de um dos alunos, novas questões foram cutucadas e surgiram conversas sobre nascentes e a **relação das águas com a flora e a fauna**. Daí nasceu o **projeto Cuidando do que é nosso**, que teve o nome escolhido por votação das crianças, com o propósito de conhecer e valorizar o próprio entorno.

“É PROVÁVEL QUE UMA CRIANÇA INGRESSE NA PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA AO LADO DE UM CÓRREGO POLUÍDO E SAIA DE LÁ, AO CABO DE ALGUNS ANOS, COM O CÓRREGO AINDA MAIS POLUÍDO. É BEM PROVÁVEL QUE OS SEUS PROFESSORES ATRAVESSEM DÉCADAS DE AULAS SEM LANÇAR UM OLHAR SEQUER PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA... A TERRA ESTÁ DOENTE PORQUE NÓS ESTAMOS DOENTES.”

José Pacheco

Meio Ambiente

“Conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.”

Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) brasileira, estabelecida pela Lei 6938 de 1981.



“GOSTEI DA LEITURA QUE FIZEMOS DENTRO DA FLORESTA OUVINDO OS PÁSSAROS CANTAREM.”

Michel, 6 anos

Parque. Para conseguir o cambuci, Randal contou com a ajuda de uma professora, que tinha na casa do pai a fruta no pé. **A escola se encheu de sabores**. Outras turmas também visitariam o *Parque das Neblinas* pelo *Programa Meu Ambiente* naquele ano e as crianças estavam imersas na expectativa.

Chegando ao Parque, algumas crianças já anunciavam:

— Olha, professor, o bico-de-papagaio! – As crianças se referiam à helicônia bico-de-papagaio, que tinham visto no livro *A Biodiversidade no Parque das Neblinas* e agora viam ao vivo.

Na visita, todos puderam **reconhecer plantas novas** e se **familiarizar com as partes das plantas**, conteúdo que tinham **aprendido na aula de ciências**. Ficaram maravilhados com a abundância da natureza, a diversidade de árvores, animais, e o Rio Itatinga.

Na volta, um dos alunos decretou:

— Foi o melhor passeio da minha vida!

Com a mente na futura vivência na natureza (ou) visita à floresta, Randal quis despertar a curiosidade em relação aos animais que habitam a Mata Atlântica e colocou registros dos **sons dos bichos** para a turma escutar. Foi grande o entusiasmo de todos ao **adivinhar as vozes da bicharada** e o ânimo perdurou ao fazerem o **registro artístico** dos animais na aula de artes e ao estudarem sobre suas **características na aula de ciências**.

Ainda como preparo à visita, as crianças **manusearam publicações e assistiram a vídeos sobre o Parque** e provaram o **suco de cambuci**, fruta da família das mirtáceas que é abundante na região do



"GOSTEI DA ATIVIDADE DE VENDAR OS OLHOS E SÓ OUVIRMOS O BARULHO DO RIO."

Vitória, 6 anos

Para além do passeio, adentrar a natureza com propósito e com a curiosidade despertada por prosas, pesquisas e atividades é muito enriquecedor.

No **decorrer do ano** e após a visita ao Parque, **muita coisa mudou**. Todos estavam **engajados** em cuidar do prédio da escola e do ambiente mais próximo. Envolvidos no projeto *Cuidando do que é nosso*, alunos, funcionários e gestores **pintaram o muro** externo da escola de branco e depois as cores do professor de artes Flávio Chagas colocaram a bicharada do *Parque das Neblinas* e da Mata Atlântica a embelezar a fachada. **Floreiras com pneus velhos** foram pintadas, ganharam mudas, e revitalizaram a parte externa da escola.

As diversas escolas de Suzano, participantes do *Meu Ambiente* naquele ano, se

reuniram na Escola Municipal Engenheiro Isaías Martinelli Gama para uma comemoração de encerramento do projeto!

A união, que aqueceu e fortaleceu o movimento, trouxe:

- Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos ao longo do ano;
- Apresentações de diversas turmas: música, poesia, jogral;
- Plantio de árvores.

A comunidade escolar prestigiou o evento. "Desde que fizemos a pintura do muro e a comunidade presenciou a dedicação dos alunos não houve mais nenhuma pichação", conta Randal.

"PARA DARMOS UMA BOA AULA SOBRE A NATUREZA É PRECISO IRMOS AO ENCONTRO DELA."

ADIVINHAR AS VOZES DA BICHARADA E TRANSFORMÁ-LAS EM ARTE



O projeto *Cuidando do que é nosso* trabalhou a diversidade da fauna de forma multidisciplinar

- Em ciências, estudaram as características dos animais (anfíbios, mamíferos, répteis, aves, peixes)
- Em artes, desenharam os animais e fizeram composições com folhas, sementes e galhos secos
- Em língua portuguesa, fizeram leituras e registraram os nomes da bicharada com o alfabeto móvel

Objetivo

- Observar, conhecer e cuidar do ambiente ao redor

Conquistas

- A comunidade escolar promoveu a revitalização: pintura do muro da escola com animais da Mata Atlântica, elaboração de floreiras feitas com pneus usados



O ESPAÇO AO AR LIVRE É LIBERTADOR

ABRIR OS PORTÕES

Escola Municipal de Ensino
Fundamental Ignez de Castro
Almeida Mayer – Suzano
Educadora: Rayssa Pereira da Silva

“AO PARTICIPAR DO MEU AMBIENTE, PASSEI A
OUVIR MAIS AS CRIANÇAS E PERMITIR QUE ELAS
TOMEM AS RÉDEAS DAS ESCOLHAS. PASSEI A SER MAIS
COADJUVANTE NO PROCESSO E TENTAR COLOCAR EM
PRÁTICA AS IDEIAS DELAS.”

ALÉM DO LIXO, AS CRIANÇAS FORAM DESCOBRINDO GRAVETOS E OUTRAS PRECIOSIDADES

Havia um **portão fechado** no quintal da EMEF Ignez de Castro Almeida Mayer. Do lado de cá do portão estavam as crianças, o prédio da escola, uma quadra, um pátio para as atividades de educação física, e mais um espaço apertadinho e quente, sem sombra de árvore para testemunhar história. Do lado de lá do portão podia-se ver uma área em declive com gramado, árvores, aqui e ali papéis jogados pelo chão e bitucas de cigarro, muitas delas. O espaço, proibido para as crianças, servia de fumódromo para os funcionários.

A sala de aula de Rayssa ficava perto do pátio e por isso era constantemente impactada pelos sons que vinham das crianças em atividade física. Praticamente



"A VIVÊNCIA NA NATUREZA FOI MARAVILHOSA, QUASE TODAS AS CRIANÇAS DA TURMA CONSEGUIRAM IR E, APÓS O PASSEIO, FICARAM LEMBRANDO DISSO ATÉ O FINAL DO ANO."

não havia opções de locais para as crianças fazerem outras **atividades ao ar livre**. Um dia, Rayssa olhou com mais atenção para o lado de lá, escutou o silêncio e viu a **sombra das árvores**. Ela falou, então, com a direção da escola e perguntou se poderia usar aquele espaço. Mas havia um problema: o **espaço** estava **sujo**. Será que isso era mesmo problema?

Logo, a professora convidou as crianças para espiarem o lado de lá pelo portão e, em conjunto com elas,

começou a **sonhar**: o que poderíamos fazer nesse espaço? **Cada um trazia uma ideia**: brincar, ler embaixo da árvore, correr, subir nas árvores... Rayssa propôs, então, que **cuidassem juntos daquele lugar**. E assim começaram. Todos os dias, a classe de 2º ano ia um pouco para o lado de lá. "Chegávamos e **limpávamos um pouquinho**, depois **brincávamos um pouquinho** também", conta a educadora.

Rayssa notou que o espaço ao ar livre era libertador. Passou a ir para lá com as crianças no início do período escolar. Depois, na sala de aula, as **crianças** pareciam ficar **mais calmas e concentradas**. Aos poucos, o **espaço** foi ficando mais **limpinho e aconchegante**, sem os papéis largados e as habituais bitucas de cigarro. E, além



dos lixos, as crianças foram descobrindo gravetos, folhas soltas e outras preciosidades deixadas pela natureza, que renderiam atividades artísticas.

Tudo era motivo para ir para o lado de lá: atividade de artes, roda de conversa e até a caixa de livros da classe ia junto na hora da leitura. A **atenção** das crianças em relação à **limpeza dos espaços escolares** foi ficando mais **aguçada**. Elas chamavam a atenção das pessoas sobre não **jogar lixo no chão**. "A justificativa repetida constantemente por elas era: porque **estraga a natureza**", conta Rayssa.

Além de abrir o portão para a área arborizada da escola, outros portões foram sendo abertos ao longo daquele ano de participação no *Programa Meu Ambiente*. Para despertar o interesse das crianças,



NA HORA DA LETURA, A CAIXA DE LIVROS PASSEAVA ATÉ A SOMBRA DAS ÁRVORES

Rayssa sugeriu que **observassem** as **plantas** que achavam pelo caminho diário até a escola. Não eram muitas. O bairro Boa Vista, em Suzano, é bastante urbanizado. A pouca vegetação foi chamando outros assuntos, que surgiam naturalmente, de acordo com os acontecimentos.

A **água** foi um **tema** que **impactou** as crianças. Próximo à escola há um **córrego** bastante **sujo**. O assunto lixo, reaproveitamento e descarte correto era assunto recorrente desde que haviam começado a recuperar o espaço escolar. Algumas crianças tinham visto até sofá boiando no córrego, que já não tinha nenhuma vegetação ao redor: de um lado a avenida e do outro as moradias. Havia crianças da

sala que habitavam moradias de risco e estavam acostumadas a ter a casa alagada quando chovia.

Esse universo ligado à água foi crescendo na turma: a poluição, o desperdício, os alagamentos, o descarte do lixo nos rios, água potável, moradias seguras, os estados e o ciclo da água. O **tema** estava também presente no livro didático e acabou se **transformando em jogo**. Construíram em conjunto um tabuleiro e uma trilha. “As crianças escolheram as situações do jogo. Casos de desperdício, como lavar a calçada com a mangueira ligada, obrigava o jogador a voltar casas”, conta Rayssa.

Naquele ano, a escola toda estava conectada com o tema meio ambiente e no final do ano haveria uma exposição com os trabalhos realizados pelas crianças. Até o mês de outubro, o 2º ano de Rayssa frequentava o lado de lá praticamente sozinho. Mas, para o dia das crianças, a direção da escola prendeu entre duas árvores o *slackline*, fita elástica para brincadeiras e exercícios de equilíbrio. Aí,

a escola toda experimentou o lado de lá! E, imaginem o que aconteceu? Começou a haver disputa de horários para a utilização do local.

No final do ano, as **crianças de toda a escola** apresentaram os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano para os colegas e os pais. O **tema meio ambiente** estava presente nos diversos trabalhos, assim como no jogo temático da água. O 2º ano quis também apresentar uma música. “A minha turma gostava de dançar”, conta Rayssa. A música escolhida foi *Filhote do filhote*:

*“Cuida do jardim pra mim
Deixe a terra florescer
Pensa no filhote do filhote
Que ainda vai nascer.”*

Assim como na letra da música, naquele ano as crianças estavam preocupadas em deixar a terra florescer. Cuidaram da área arborizada da escola e puderam abrir novos portões de percepção sobre o ambiente ao redor.

“DURANTE AQUELE ANO LETIVO, PERCEBI A TURMA MAIS UNIDA E ENTROSADA.”

Vida curiosa!

Partir da experiência concreta das crianças e trabalhar conteúdos:

- A limpeza em conjunto da área arborizada da escola propiciou trabalhar os temas: lixo, descarte correto, reciclagem, reaproveitamento e a importância da mata e das árvores
- O córrego poluído perto da escola e as moradias de risco inspiraram estudos sobre a água: poluição, desperdício, alagamento, descarte de lixo em rios, água potável, moradias seguras, os estados e o ciclo da água



REFERÊNCIAS INSPIRACIONAIS

ORGANIZAÇÕES E INICIATIVAS

Instituto Alana • www.alana.org.br
Ser Criança é Natural • www.sercriancaenatural.com
Território do Brincar • www.territoriodobrincar.com.br
FNLIJ • www.fnlij.org.br
Instituto Romã • www.institutoroma.com.br
Programa Criança e Natureza • www.criancaenatureza.org.br

LIVROS

Atividades em Áreas Naturais • Instituto Ecofuturo
Baú de Histórias • Instituto Ecofuturo
Saber Cuidar • Instituto Ecofuturo
Vivências com a Natureza • Instituto Romã
Dedo Verde na Escola • Instituto 5 Elementos
Brincando e Aprendendo com a Natureza • Joseph Cornell
Última Criança na Natureza • Richard Louv
Desemparedamento da Escola • Instituto Alana
Criando Habitats na Escola Sustentável • Lucy Legan

BIBLIOTECA DA NATUREZA



A árvore dos meus dois quintais

Jonas Ribeiro

As coisas importantes sempre existem dentro e fora da gente. Jonas Ribeiro conta a história de um menino e sua amizade com uma árvore plantada no quintal de casa. Com narrativa poética, o texto convida o leitor a refletir sobre o carinho e o respeito presentes nesta relação.



A flor do lado de lá

Roger Mello

Uma anta interessa-se por uma flor, porém não consegue chegar até ela porque há muitos obstáculos. Faz várias tentativas, sofre, chora por não conseguir chegar até aquela flor tão linda... Roger Mello, inventivo como sempre, cria um final inesperado, surpreendente.



A floresta

Claire A. Nívola

O livro conta a história de um camundongo que decide deixar a segurança de sua casa, para explorar a floresta. O livro amplia o mundo do leitor, falando com veemência e tranquilidade a todas as crianças que já sentiram medo do desconhecido.



A primavera da lagarta

Ruth Rocha

Bem no meio da clareira, debaixo da bananeira, os bichos da floresta resolveram fazer uma festa. Mas não era festa não. Era um comício do Sr. Camaleão. Todos protestavam contra a feiura da lagarta. Só não contavam com a sabedoria da mãe natureza que na primavera espalha sua beleza.



A última árvore do mundo

Lalau e Laurabeatriz

Um dia, uma árvore se vê sozinha no mundo. Mas nem por isso deixa de seguir em frente com sua vida. Ela continua a dar frutos, flores e abrigo a todos que vivem em sua volta, com persistência e amor. Uma história poética e delicada, capaz de encantar as crianças.



Amoras

Emicida

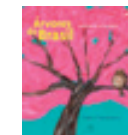
Em seu primeiro livro infantil, Emicida conta uma história cheia de simplicidade e poesia, que mostra a importância de nos reconhecermos nos pequenos detalhes do mundo e nos orgulharmos de quem somos.



Aqui estamos nós

Oliver Jeffers

O mundo pode parecer muito confuso, sobretudo se acabamos de aqui chegar. Para melhor compreendê-lo, vamos explorar o nosso planeta e ver como vivemos. Estes apontamentos são um guia para essa viagem...



Árvores do Brasil

Lalau e Laurabeatriz

O livro mostra algumas das árvores mais importantes do nosso país. É uma homenagem às maravilhas da natureza que nos dão sombra e frutos, evitam que a erosão acabe com nossos rios, oferecem abrigo e alimento aos passarinhos e outros bichos, ajudam a retirar poluentes do ar que respiramos.



Bem brasileiroinhos

Lalau e Laurabeatriz

Esta obra mostra às crianças alguns animais da fauna brasileira ameaçados de extinção – aves, insetos, mamíferos, entre outros. Inclui um jogo de memória para o leitor brincar com os brasileiroinhos.



Carta da Terra

Escrita em 1994, a Carta da Terra estabelece os principais fundamentos do desenvolvimento sustentável. Estamos diante de um momento crítico da história da Terra. Devemos reconhecer que, no meio da diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum.



Chuva de manga

James Rumford

Há terras secas e alguns momentos de fertilidade. Por meio do dia a dia do menino Tomás, os leitores poderão imaginar o que é esperar pela chuva, fazer um carrinho de lata e apreciar os frutos da terra generosa, que nos oferece a alegria de saborear e cheirar uma manga dourada.



Comilança

Fernando Vilela

De forma encantadora e inovadora, o autor aborda a cadeia alimentar, da pequena minhoca à gigantesca cobra. O autor buscou inspiração nas viagens que fez para a Floresta Amazônica, quando registrou muito do que viu em cadernos de desenho.



Folha

Stephen Michael King

Folha conta a história de um garotinho, como tantos outros, que simplesmente odeia pentear os cabelos. Um certo dia, porém, ele descobre uma vantagem extraordinária em ter o cabelo todo desarrumado e bastante embaraçado, quando uma semente cai bem na sua cabeça e ali mesmo começa a crescer.



Fonchito e a Lua

Mario Vargas Llosa

O pequeno Fonchito morre de vontade dar um beijinho no rosto de Nereida. Mas ela só aceitará seu carinho se ele puder lhe trazer de presente a Lua! Mas como nada é impossível, numa noite de sorte, Fonchito descobrirá uma maneira de conseguir o que tanto queria.



Júbilo – o romance do jardineiro

Andrea Pizarro Clemo

O livro narra, em versos, a melancolia do jardineiro Juvenal após ser obrigado a se aposentar. Mas eis que, de onde menos se espera, surge a força motivadora que alegria – e rejuvenesce – o velho Juvenal. Assim como revelado no subtítulo da obra, *Júbilo* é um romance.



Lilás

Mary E. Whitcomb

Lilás é uma menina que foge ao estereótipo convencional de comportamento. O primeiro dia de aula de Lilás é diferente – ao invés de imitar os colegas, que presenteiam a professora com perfumes, lencinhos bordados e porta-joias, ela lhe oferece uma caixinha de papelão com sete pedrinhas e muito mais.



Lolo Barnabé

Eva Furnari

Lolo Barnabé era um sujeito inteligente e criativo. Ele nasceu há muito tempo, no tempo das cavernas. A família do Barnabé queria um lugar melhorzinho para morar, com mais conforto. Só que, nessa busca, algo saiu errado. Você é capaz de entender o que foi que aconteceu?



Macaco danado

Julia Donaldson e Axel Scheffler

Borboleta e macaquinho saem em busca da mamãe macaca. A maior dificuldade da borboleta está em entender que a mãe do macaco é parecida com ele, mas a lagarta (filhote de borboleta) não se parece nem um pouco com a mãe – a borboleta adulta.



Obax

André Neves

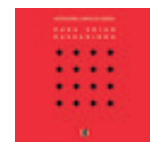
Quando o sol nasce se espalha sobre a vegetação. O dia aquece, enquanto os homens lavram a terra e as mulheres cuidam dos afazeres domésticos e das crianças. Ao anoitecer, tudo se enche de vazio, e o silêncio negro se transforma num ótimo companheiro para compartilhar boas histórias.



O sapo Bocarrão

Keith Faulkner

O *sapo Bocarrão* é um divertido animal que tem uma boca enorme, é muito guloso e vive perguntando aos outros bichos o que eles gostam de comer. O livro tem dobraduras-surpresa, brincadeiras gráficas e cores vibrantes, além de letras graúdas.



Para criar passarinho

Bartolomeu Campos de Queirós

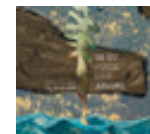
Em cada página, Bartolomeu nos fala o que é preciso para criar passarinho. Uma prosa poética que seduz pela beleza e magia das palavras, despertam a sensibilidade adormecida e os sentidos, convidando a pensar sobre a liberdade e a inconveniência das prisões.



Pé-de-bicho

Márcia Leite e João Caré

Pé-de-bicho é o ponto de encontro dos bichos da floresta. Nessa grande e acolhedora árvore sempre cabe mais um! É nela que animais de diferentes espécies se reúnem, se divertem e convivem em total harmonia. Todos são amigos, ninguém caça ninguém!



Se eu fosse uma árvore

Talita Nozdmí

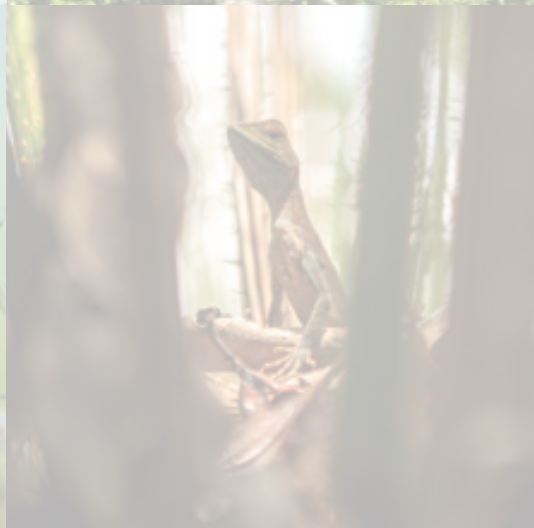
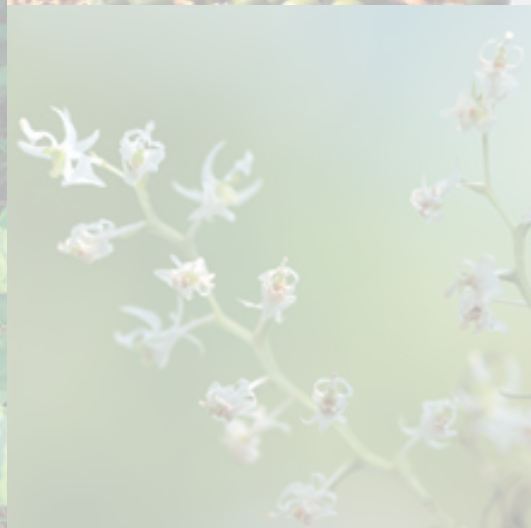
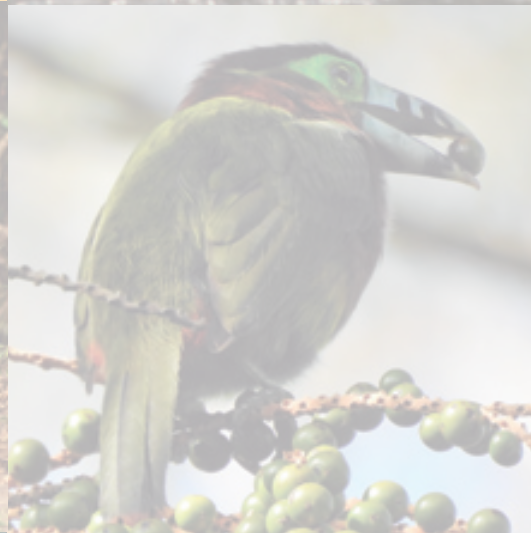
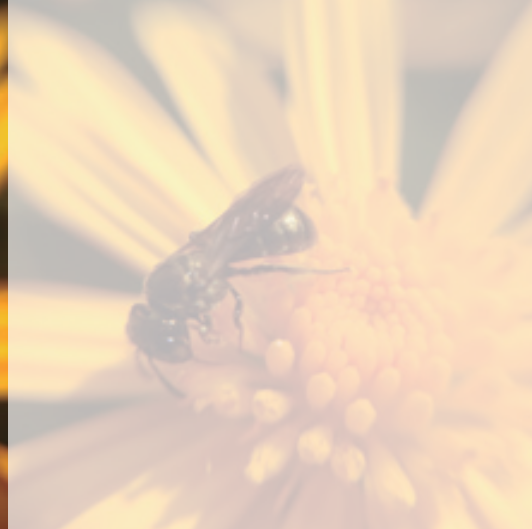
E se eu fosse... um pássaro, uma flor, um riacho? Com muita delicadeza, este livro transforma o leitor em uma árvore. Uma árvore maluca, é verdade, mas também muito bonita e acolhedora. Vale a pena deixar de ser gente um pouquinho, para atrair passarinhos e ter sementes que voam até alto-mar.

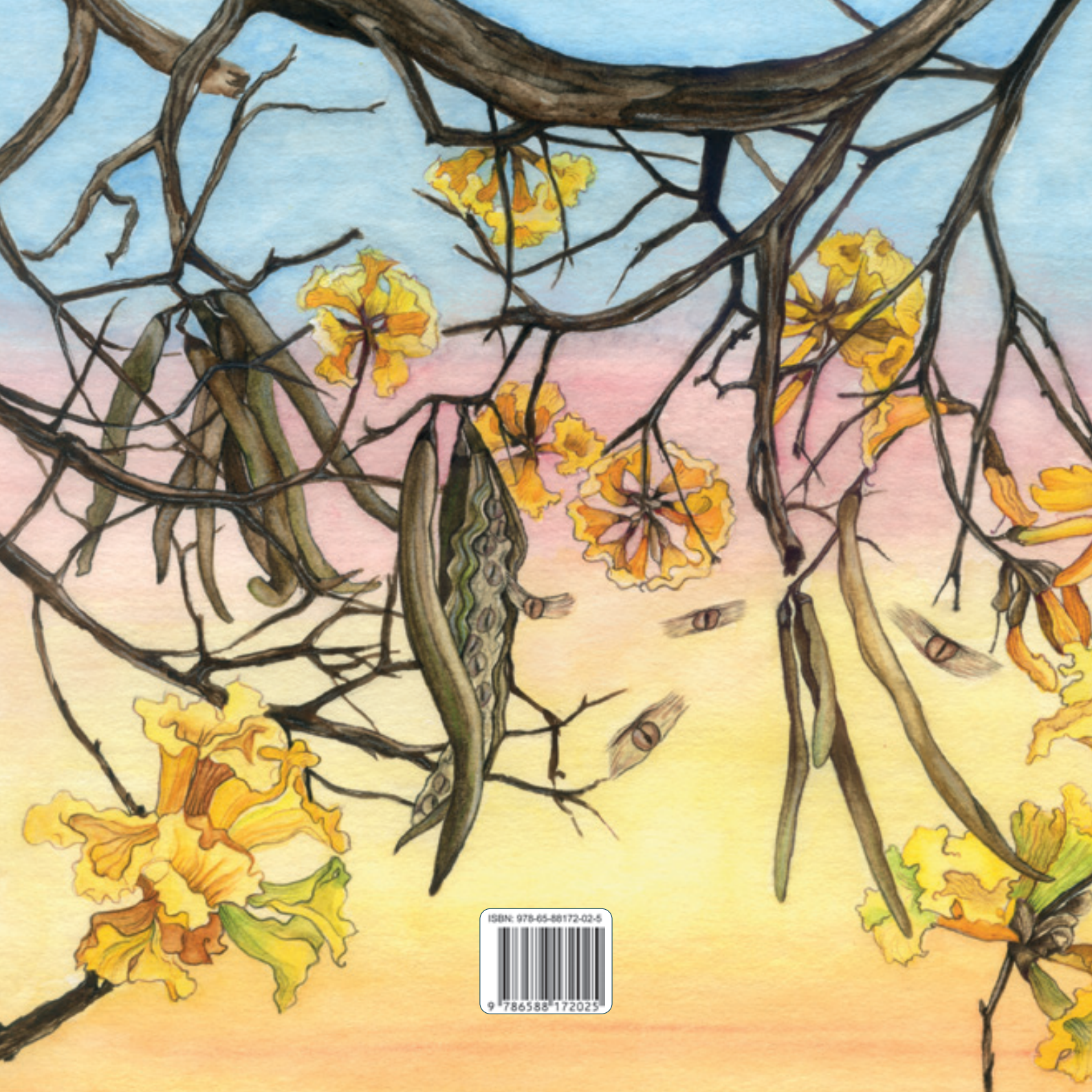


Um dia na aldeia

Daniel Munduruku

Por meio de jogos e brincadeiras, o jovem Manhuari recebe os conhecimentos tradicionais, essenciais para crescer em sintonia com a cultura do seu povo e viver em harmonia com a natureza. Os Mundurukus celebram o cotidiano, os animais, as frutas e outros temas...





ISBN: 978-65-88172-02-5



9 786588 172025